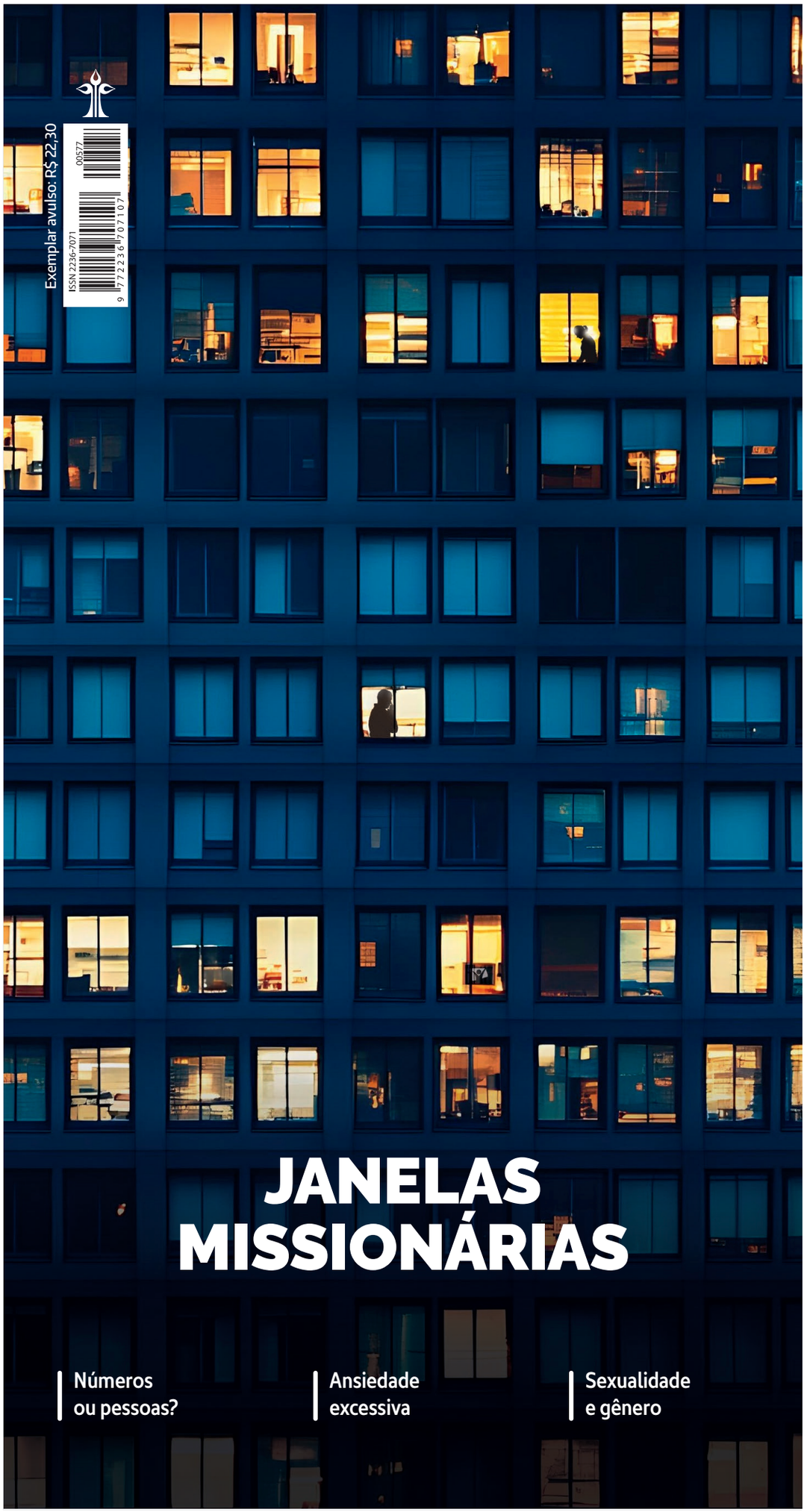


Exemplar avulso: R$ 22,30

ISSN 2236-7071

JANELAS MISSIONÁRIAS

Números ou pessoas?

Ansiedade excessiva

Sexualidade e gênero

MINISTÉRIO

UMA REVISTA PARA PASTORES E LÍDERES DE IGREJA

JAN-FEV·2025

P5 49291 – Revista Ministério Nov / Dez
22/11/2024 10:24

EDITORIAL

MISSÃO KAINÓS

Milton Andrade
editor da revista
Ministério

Ano novo. Agenda nova. Desafios novos. Talvez você esteja mudando de função, de casa ou de região. Quem sabe esteja iniciando agora seu ministério, ou talvez concluindo sua jornada de dedicação. Para você, eu diria que este será um ano *néos* – "novo" no sentido de tempo: recente, recém-formado ou recém-conquistado. Mas, para aqueles que permanecem na mesma função, na mesma residência e com os mesmos alvos, este ano precisa ser *kainós* – "novo" em qualidade: renovado, melhorado, restaurado.

Convenhamos, não há nada de errado em desejar um "Feliz Ano *Kainós*". Afinal, Deus é especialista em restauração e está pronto para reanimar corações e ministérios, renovar chamados e relacionamentos, e ainda reacender a paixão pela missão. Este não deve ser apenas mais um ano com as mesmas metas e rotinas; é o *ano*! Estamos mais próximos da volta de Jesus. Não é essa a melhor motivação para iniciarmos nossas atividades ministeriais? Este é o momento de fazermos um novo compromisso com Deus.

Deus aprecia o novo. Não é por acaso que o Apocalipse, o livro que deveria ser o *vade-mécum* de todo pastor nestes dias, menciona várias vezes a expressão grega *kainós*: novo nome (3:12), novo cântico (5:9), novo céu e nova terra (21:1), Nova Jerusalém (21:2)... Enfim, Ele fará *kainós* "todas as coisas" (21:5). Isso nos mostra que o mesmo Deus que restaurará a beleza original do nosso planeta é capaz de renovar o nosso ministério. Ele sabe transformar corações vazios e sem forma em canais de Sua graça.

Creio que a melhor maneira de renovar a paixão pelo ministério é colocando as mãos e os pés na missão. Observe o exemplo de Jesus, o Missionário por excelência, que Se identificou conosco sem perder Sua identidade. Ele "abriu firma" no cartório dos mortais e, em apenas três anos e meio, revolucionou Seu "distrito": o planeta Terra. Seu ministério foi transcultural – aproximou-Se não apenas dos judeus (Sua própria cultura e Seu próprio povo), mas também dos samaritanos e romanos. Ele era da Galileia, a terra dos gentios, e permaneceu um bom tempo em Cafarnaum, cidade próxima ao território gentio. Com isso, Ele mostrou que, ao escolher Israel, não tirou os olhos das outras nações. Seu objetivo era salvar a todos!

A missão evangélica vai além de uma simples ordem, um simples departamento ou projeto; ela é o resultado de um encontro pessoal com Cristo. A missão é um privilégio! David Bosch afirmou: "Se a igreja está 'em Cristo', ela está envolvida na missão, o que faz com que toda a sua existência tenha caráter missionário" (*Perspectivas no Movimento Cristão Mundial* [Vida Nova, 2009], p. 68). Portanto, missão não é apenas ir a um lugar, enviar alguém ou fazer algo. Missão é *ser* um povo especial, com uma mensagem singular, que encarna, na vida cotidiana, o anseio de ver Jesus.

Não sei qual é o seu nível de empolgação e comprometimento para 2025. Que tal pedir ao Senhor uma nova porção do Seu Espírito? Separe um novo horário de oração em favor da salvação dos perdidos. Adote um novo hábito de saúde. Experimente novas estratégias e "janelas" missionárias. E por que não pedir ao Senhor a renovação do seu casamento e do relacionamento com seus filhos? O mesmo Deus que dirá "faço novas todas as coisas" (Ap 21:5) é capaz de restaurar cada área de sua vida.

> ***Deus é o maior interessado em ver Sua missão completada.***

Deus é o maior interessado em ver Sua missão completada. Para isso, Ele conta conosco, talvez não para uma missão além-mar, mas para uma missão além-muro! Existem pessoas ao nosso redor, nas "janelas missionárias" urbanas e rurais, precisando do milagre *kainós*: ter o coração transformado. Você aceita esse "novo" convite? ■

Foto: William de Moraes

SUMÁRIO

Editorial	2
Entrelinhas	5
Entrevista	6
Ponto a ponto	32
Dicas de leitura	34
Palavra final	35

8
Luz para as nações
Silvano Barbosa

16
Redescobrindo o prazer de pastorear
Rubens Mandelli

12
Números ou pessoas?
Moisés Mattos

22
Ansiedade excessiva
Cesar Vasconcellos

29
Ministério de consolo
Sael Ferreira

26
Sexualidade e gênero
Nicholas Miller

MINISTÉRIO
Uma publicação da Igreja Adventista do Sétimo Dia

Ano 97 – Número 577 – Jan/Fev 2025
Periódico Bimestral – ISSN 2236-7071

Editor Milton Andrade
Editor Associado Márcio Tonetti
Revisoras Rose Santos e Rafaela Vitorino

Editor de Arte Thiago Lobo
Projeto Gráfico Fernando De Lima
Capa e layout Fábio Fernandes

Ministério na Internet
www.ministeriopastoral.com.br
@revistaministerio
@revistaministerio
@MinisterioBRA
ministerio@cpb.com.br

Conselho Editorial
Lucas Alves; Josué Espinoza; Adolfo Suárez; Marcos Blanco; Walter Steger; Eric Richter; Pavel Goia; Jeffrey Brown; Adrián Bentancor; Álvaro Cáceres; Claudiney Santos; Edison Choque; Edmundo Cevallos; Elieser Vargas; Francisco Abdoval; Javier López; José Wilson; Juan Vargas; Guilhermo Delgado; Levino Oliveira; Luciano Salviano; Marcelo Carvalho; Milton Mayo; Raildes Nascimento.

CASA PUBLICADORA BRASILEIRA

Editora da Igreja Adventista do Sétimo Dia
Rodovia SP 127 – km 106
Caixa Postal 34 – 18270-970 – Tatuí, SP

Presidente Uilson Garcia
Diretor Financeiro Diego Lottermann
Gerente Editorial Wellington Barbosa

Serviço de Atendimento ao Cliente
Ligue Grátis: 0800 979 06 06
Segunda a quinta, das 8h às 20h
Sexta, das 7h30 às 15h45
Domingo, das 8h30 às 14h
Site: www.cpb.com.br
E-mail: sac@cpb.com.br

Assinatura: R$ 108,60
Exemplar Avulso: R$ 22,30

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução total ou parcial, por quaisquer meios, sejam impressos, eletrônicos, fotográficos ou sonoros, entre outros, *sem prévia autorização por escrito* da editora.

5499 / 49567

Foto: William de Moraes

Missão

MKT CPB • Adobe Stock

Os ministros do evangelho são chamados a representar Deus diante do povo. Os pastores enfrentam desafios únicos, desde a liderança e a orientação espiritual até o cuidado e a promoção do crescimento da igreja.

O ministério pastoral exige não apenas habilidades práticas, mas sobretudo uma profunda vivência pessoal com Deus e amorosa empatia com as necessidades humanas.

cpb.com.br • 0800-9790606
CPB livraria • (15) 98100-5073
Pessoa jurídica/distribuidor (15) 3205-8910
atendimentolivrarias@cpb.com.br

CPB pra toda a vida

Baixe o **Aplicativo CPB**

/cpbeditora

Escreva para a MINISTÉRIO

ministerio@cpb.com.br

Aa

Utilize fonte **Arial**, tamanho **12**, espaço 1,5

[1]Ranko Stefanovic, *Plain Revelation* (Berrien Springs, MI: Andrews University Press, 2013), p. 46.

Insira **notas** de fim de texto

Use a versão bíblica **NAA**

Envie uma foto pessoal em alta resolução

Escreva textos de **8 mil** até **12 mil** caracteres com espaços

Temáticas
- Teologia
- Missão
- Pregação
- Espiritualidade
- Saúde
- Administração
- Liturgia
- História da igreja

Foto: Cedida pelo autor

Lucas Alves
secretário ministerial
para a Igreja Adventista
na América do Sul

LIÇÕES DE SALOMÃO

Líderes são essenciais em qualquer época e lugar. Independentemente do segmento da sociedade – privado, civil, religioso ou familiar –, parece que vivemos em tempos nos quais poucos querem assumir o papel de liderança. Talvez nunca tenha sido tão necessário falar, escrever e de fato liderar como hoje. No entanto, é fundamental lembrar que, quando se trata de liderança cristã, a Bíblia é nossa referência, pois nela encontramos os fundamentos e exemplos que nos inspiram. Entre os muitos líderes que Deus usou no passado, está Salomão, que nos deixou valiosas lições.

Ser dependente. Aqueles que desejam liderar devem reconhecer que não são tão grandes quanto parecem. Salomão enfrentava grandes desafios: de um lado, a herança material e espiritual de seu pai; do outro, o dever de guiar o povo com equilíbrio e coragem. Em sua oração, ele confessou: "Eu não passo de uma criança" (1Rs 3:7). Ellen White comenta: "Salomão nunca foi tão rico, tão sábio ou tão verdadeiramente grande como quando confessou: 'Não passo de uma criança'" (*Profetas e Reis* [CPB, 2021], p. 15). Isso revela que não são as posições que nos tornam grandes, mas nossa dependência de Deus.

Ser sábio. Diante dos desafios e complexidades da liderança – como a tomada de decisões, o aconselhamento e o relacionamento com diversos tipos de pessoas em diferentes níves de responsabilidade e função –, a sabedoria é fundamental. Em Provérbios, essa palavra aparece cerca de 41 vezes. Logo no início do livro, Salomão afirma: "O temor do Senhor é o princípio do saber, mas os insensatos desprezam a sabedoria e o ensino" (Pv 1:7). Hernandes Dias Lopes explicou de forma simples o significado dessa palavra: "O que é sabedoria? Sabedoria é olhar para a vida com os olhos de Deus. É viver regido pelo ensino da Palavra de Deus" (*Provérbios, Manual de Sabedoria Para a Vida* [Hagnos, 2016], p. 29). No sentido mais profundo, a sabedoria é a própria pessoa de Cristo, como ensina o apóstolo Paulo (1Co 1:30; Cl 2:3).

Ser humilde. Enquanto Salomão manteve sua total dependência de Deus, sua vida, seu reino, seu poder e sua influência não pararam de crescer. Mas, quando ele passou a acreditar que sua prosperidade era fruto de sua habilidade como gestor, iniciou-se seu declínio. Ele mesmo escreveu: "Antes da ruína vem a soberba, e o espírito orgulhoso precede a queda" (Pv 16:18). As maiores ameaças para um líder residem em seu próprio coração, como afirmou Matthew Henry: "Não temamos o orgulho do próximo; temamos o nosso próprio orgulho" (*Comentário Bíblico Matthew Henry* [CPAD, 2010], p. 1225).

Ser vigilante. Tudo o que um líder é reflete o que está plantado em seu coração. Quando se trata de liderança cristã, o caráter vem antes da performance; a integridade vem antes dos relatórios; e a coerência, antes da prosperidade. Se o líder não mantiver seu coração protegido, sua influência acabará se voltando para o mal.

Ellen White escreveu: "A apostasia de Salomão foi tão gradual que, antes que ele se desse conta, já tinha se afastado de Deus. [...] Salomão ergueu um imponente bloco de edifícios para serem usados como santuários idólatras" (*Profetas e Reis*, p. 30, 31). Por outro lado, se o coração do líder estiver guardado em Cristo e ele mantiver sua integridade, Provérbios afirma: "O rei que julga os pobres segundo a verdade firmará o seu trono para sempre" (29:14). Você busca essa sabedoria? ■

> ***Não são as posições que nos tornam grandes, mas nossa dependência de Deus.***

Foto: Cedida pelo autor

P5 49567 – Revista Ministério JAN / FEV
22/11/2024 10:24

ENTREVISTA

ATÉ OS **CONFINS** DA TERRA

Filho de pastor, Joni Roger de Oliveira nasceu em Belo Horizonte (MG). Seguindo os passos do pai, ele cursou Teologia e iniciou seu ministério como capelão escolar. Posteriormente, atuou como pastor distrital e liderou o Ministério Jovem em diversas regiões do Brasil, até ser chamado para coordenar o Serviço Voluntário Adventista (SVA) na Divisão Sul-Americana. O pastor Joni cresceu lendo histórias de missionários publicadas pela CPB, mas não imaginava que um dia teria a oportunidade de servir além-mar. Em 2022, ele foi convidado para trabalhar como secretário associado e diretor da Adventist Mission, do SVA e dos International Service Employees (ISEs) da Divisão do Sudeste Asiático do Pacífico, com sede nas Filipinas. Casado com a professora Caroline Oliveira, eles têm duas filhas: Lisie e Lívia.

Quais são os principais desafios e necessidades da igreja nessa região do mundo?

Sem dúvida, os maiores desafios são as diferenças culturais, políticas, sociais e religiosas. Esse território abriga 260 milhões de muçulmanos, 210 milhões de budistas, 150 milhões de cristãos e cerca de 6 milhões de hindus, além de praticantes de religiões de matriz tribal. Essas tradições religiosas estão profundamente enraizadas em todos os aspectos da vida cotidiana. Pregar o evangelho em contextos culturais como esses requer muita oração, estratégia e abordagem diferenciada, além de tempo. Na maioria dos países dessa região, mudar de religião é entendido como "virar as costas" para a família, os amigos, a sociedade e até a própria identidade. Em alguns locais, o converso pode até correr risco de morte. No entanto, as necessidades espirituais dessas pessoas são tão reais quanto em qualquer outra parte do mundo. Por isso, a igreja continua necessitando de recursos humanos e financeiros, além de pessoas com mentalidade missionária, que possam servir em diversas áreas. Mas, acima de tudo, a maior necessidade é de oração.

Como tem sido a experiência de liderar projetos e voluntários em um contexto cultural tão distinto?

A experiência é tão desafiadora quanto recompensadora. É inspirador ver

> **"Viver em um campo missionário estrangeiro é mais uma oportunidade de aprender do que ensinar."**

Foto: William de Moraes

locais que antes estavam na escuridão se abrindo para o evangelho, graças ao trabalho dos pioneiros da Missão Global. Os voluntários do SVA e de outros ministérios de apoio, como o "Movimento dos 1000 Missionários", a organização filipina SULADS e a Adventist Frontier Missions (AFM), formam uma poderosa força para a expansão do evangelho nessa região.

De que maneira isso ressignificou seu ministério?

Viver em um campo missionário estrangeiro é mais uma oportunidade de aprender do que ensinar. As experiências trazem questionamentos inevitáveis, que nos permitem uma constante autoavaliação. Seria injusto e desonesto dizer que encontrei a felicidade no ministério apenas aqui, pois sempre fui feliz como pastor, em cada lugar em que servi. No entanto, tenho vivido experiências que me trazem um senso de realização diferente de tudo que já experimentei. Louvo a Deus, pois, mais do que nunca, Ele tem me ensinado quem realmente governa Sua igreja e quem tem a palavra final sobre todas as coisas, incluindo meu ministério. É maravilhoso estar nas mãos do Senhor.

Quais são os principais aprendizados que uma missão transcultural oferece à família pastoral?

Nunca estivemos tão unidos como família como estamos agora. A distância da terra natal, o desafio do choque cultural, o aprendizado de uma nova língua, a saudade de familiares e amigos, a adaptação a uma nova igreja, enfim, todas essas situações servem ou para afastar ou para aproximar de vez os membros da família pastoral. Graças ao bondoso Deus, nos tornamos muito mais fortes em vários aspectos, especialmente na vida espiritual. Mas não é fácil, ainda mais quando se trata de viver em culturas tão diferentes da nossa. Aprendemos a ser mais empáticos, pois precisamos de empatia como nunca. Aprendemos a ser mais gratos, pois sempre há alguém ao nosso redor que necessita mais do que nós. Aprendemos a ser mais pacientes e resilientes, afinal, muitas coisas não acontecem como e quando queremos. E, por fim, aprendemos a ser mais dependentes de Deus, pois nos deparamos com coisas que vão muito além da nossa capacidade de resolução.

Há um número significativo de sul-americanos atuando em missões na Divisão do Sudeste Asiático do Pacífico?

Ainda não. Uma das barreiras é o idioma, pois a fluência em inglês é fundamental. No entanto, a geração atual tem superado essa barreira linguística. Com a força que a igreja possui na América do Sul, podemos enviar ainda mais missionários para essa parte do mundo. Felizmente, nos próximos anos, a DSA pretende enviar mais dez famílias para esse território.

Como podemos incutir a visão de que, antes de servir nas missões transculturais, é necessário estar disposto a "atravessar a rua", isto é, evangelizar aqueles que estão perto?

Creio que a resposta para essa pergunta está na correta compreensão do que é ser um missionário. Isso não depende de geografia. Ellen White afirmou: "Os que quiserem ser verdadeiros missionários em campos estrangeiros precisam ser primeiro missionários verdadeiros no lar" (*Mensagens aos Jovens* [CPB, 2021], p. 107). Costumo responder aos jovens que querem saber quando é o momento de servir a Deus em outro país com uma pergunta: Se você fosse viver uma experiência como missionário transcultural, sua igreja sentiria sua falta? Se a resposta for sim, vá, e você será uma bênção onde quer que esteja.

No trabalho em nossas congregações, escolas e instituições, como podemos preparar missionários com uma visão mais abrangente?

Sonho com o dia em que veremos, em nossas igrejas, escolas e instituições, momentos intencionais de oração intercessória pelo campo missionário mundial, e não apenas por nossas comunidades locais. Além disso, precisamos mostrar as necessidades globais por meio das escolas de missão (como a Send Me) e das agências missionárias (VividFaith, SVA, Adra, AFM, Maranatha, Adventist Health, Adventist Aviation International e tantas outras). Isso levará a igreja a se prostrar em oração, clamando pelo derramamento do Espírito Santo, pois, sem Ele, nunca terminaremos a missão que o Senhor nos confiou. Ellen White afirmou que "a prosperidade da obra nacional depende grandemente, abaixo de Deus, da influência reflexa da obra evangélica feita nos países afastados" (*Conselhos Sobre a Escola Sabatina* [CPB, 2021], p. 82). Creio que, se trabalharmos juntos, veremos Jesus voltar em nossa geração.

Foto: William de Moraes

P5 49567 – Revista Ministério JAN / FEV
22/11/2024 10:24

CAPA

Silvano Barbosa
professor de Teologia no Unasp,
campus Engenheiro Coelho

LUZ PARA AS NAÇÕES

A soberania de Deus na missão

Imagem generativa: Fábio Fernandes | Foto: Gentileza do Autor

Alguma vez você já se perguntou por que a Bíblia não menciona a China, faz referência à Índia apenas uma vez e parece ignorar bilhões de pessoas que hoje compõem quase metade da população mundial? Esse aparente silêncio sobre certas regiões do mundo pode dar a impressão de que a mensagem bíblica é limitada a uma área geográfica restrita. Mas será que esse conceito está correto?

O Deus da Bíblia é um Deus missionário.[1] A Bíblia inteira é um documento missionário, pois revela os propósitos e ações de Deus em missão. O Antigo e o Novo Testamentos estão interligados, evidenciando a atividade redentora de Deus, que busca reconciliar o mundo consigo mesmo – primeiro por meio de Israel e, depois, por intermédio de Cristo.[2]

Desde as primeiras páginas da Bíblia, vemos Deus em missão. Vários eruditos sugerem que a base para a compreensão da universalidade da missão é encontrada em Gênesis 1 a 11.[3] Esses capítulos narram os

Imagem generativa. Fabio Fernandes | Foto: Gentileza do autor

primórdios da história da humanidade e demonstram que, desde o princípio, o propósito de Deus para a salvação sempre esteve ligado a todas as pessoas. Os eventos da criação, a entrada do pecado, o julgamento e a dispersão têm implicações universais. De igual modo, a oferta divina de salvação é direcionada a todas as famílias da Terra que escolhem crer.

Os capítulos iniciais da Bíblia introduzem o meio pelo qual Deus pretende alcançar todas as famílias da Terra. As nações devem ser abençoadas pela semente: a "semente" da mulher (Gn 3:15); a "semente" de Sem, em cujas tendas Deus viria habitar (9:27); e a "semente" de Abraão (12:1-3), a quem é revelado o propósito divino de atrair todas as nações da Terra a Si mesmo.[4] O propósito de Deus foi abençoar um povo para que ele se tornasse um canal por meio do qual todas as famílias da Terra pudessem receber a bênção da salvação.

Ao observar a universalidade da missão de Deus no início da história humana, é importante perceber que, em Gênesis 1 a 11, a humanidade é uma só, e Deus lida com o mundo como um todo. O chamado de Abraão, entretanto, introduz uma mudança radical na atividade missionária de Deus. Em Gênesis 12, não há menção aos pecados, sofrimentos e problemas que afetam toda a humanidade. De maneira quase abrupta, um único homem e sua família estendida são colocados no centro da história, e Deus passa a usá-los como Seus instrumentos em favor de todas as famílias da Terra.

A narrativa bíblica então avança de um único indivíduo para uma família, uma tribo e, então, a nação de Israel. A escolha desse povo eleito,[5] que se tornou canal selecionado das bênçãos de Deus, foi um ato de amor e graça (Dt 4:37; 7:6-8) com o propósito de trazer redenção a todas as famílias da Terra. Assim, o chamado de Abraão e, consequentemente, o de Israel, deve ser visto sob a ótica do propósito de Deus de salvar as nações.

A história de Israel é apenas a continuação do relacionamento de Deus com as nações e, por isso, deve ser entendida à luz dessa relação não resolvida. Israel foi eleito para servir a Deus na tarefa de conduzir as outras nações a Ele. O propósito divino era que as nações de todo o mundo reconhecessem o Deus de Israel como o Senhor de toda a Terra. Esse propósito abrange a China, o Japão e todas as demais nações não mencionadas na Bíblia.

Não há eleição sem missão. O chamado de Deus pressupõe um convite à ação. As Escrituras Hebraicas não fazem qualquer referência à eleição para a salvação, mas reconhecem uma eleição para a missão (Êx 3:7-10; 7:1, 2; 19:5, 6; Jr 1:5).[6] Em Israel, Deus buscou o mundo.

A pergunta inevitável que surge imediatamente após essa afirmação é: Como esse objetivo seria alcançado? A história de Israel parece evidenciar que a soberania de Deus foi o princípio dominante, o fator primordial que assegurou que o propósito divino seria cumprido.

A soberania de Deus

Para reivindicar soberania, é necessário oferecer pelo menos dois elementos de confirmação: um reino onde se exerce domínio e uma narrativa que descreva os atos soberanos nesse território. O relato da criação, por si só, já seria suficiente para demonstrar que a soberania de Deus é um tema de vital importância na Bíblia. As Escrituras evidenciam que Seu reino é tudo o que existe, e a história da salvação é o registro das ações de Deus cumprindo Seus propósitos eternos e inevitáveis ao longo da história.[7]

Embora Deus reine sobre toda a Terra (Sl 47:2, 7), ao escolher Israel como Seu veículo de redenção, o reinado do Senhor passou a se concentrar nessa nação. A estratégia divina era fazer de Israel uma expressão do reino de Deus na Terra, utilizando-o como agente para mediar Sua vontade e implementar Seus propósitos. Esse critério exigia que Deus estabelecesse um relacionamento especial com Seu povo escolhido, a fim de capacitá-lo a cumprir o propósito para o qual havia sido chamado.

Em qualquer relacionamento, os eventos do dia a dia oferecem as melhores oportunidades para conhecer o outro. Israel conheceu a Deus por meio dos atos de libertação que o Senhor realizou em sua história. A memória coletiva da nação tornou-se efetivamente um mirante para a observação das intervenções divinas. Eventos como as pragas do Egito e a aliança no Sinai não eram interpretados apenas como uma herança nacional, mas como revelações divinas. Os feriados nacionais dos israelitas apontavam para um único herói: Deus. Com o tempo, os israelitas passaram a entender que a existência deles como nação derivava e dependia de Deus.

Deus está trabalhando dentro da narrativa da história do Seu povo – explicitamente ou nos bastidores – iniciando, reagindo, direcionando.[8] Em cada novo ato, a soberania de Deus permeia o tema, os personagens, o local, a trama, o conflito, a resolução e o ponto de vista.

Enquanto as nações circunvizinhas a Israel tinham uma cosmovisão politeísta e associavam seus deuses às suas terras natais, Israel tinha evidências suficientes

P5 49567 – Revista Ministério JAN / FEV
22/11/2024 10:24

para entender que o seu Deus não era um Deus nacional, mas o único Deus verdadeiro, o Senhor de todas as nações, que reina sobre todos os povos.[9] Deus é soberano em Midiã e em Jericó, no deserto e no mar, nas montanhas e nos vales, no Egito e em Canaã. Toda a Terra pertence a Ele e a Sua soberania não conhece fronteiras (Êx 9:14, 16, 29).

A primeira demonstração desse fato ocorreu quando o povo de Israel ainda estava no Egito. A decisão de faraó, "não conheço o Senhor e não deixarei Israel ir" (Êx 5:2), exemplifica uma negação explícita do direito do Senhor de reinar. Venerado como um ser quase divino, faraó entendia corretamente a natureza transcendente do conflito em que estava envolvido. Não era meramente uma luta entre Deus e um ser humano, mas entre Deus e um deus.[10] A lição ensinada a faraó foi também aprendida de maneira prática por Israel, à medida que Deus manifestava Sua realeza ao colocar as nações sob o controle do Seu povo.

Assim, a soberania de Deus, exercida na história do Seu povo escolhido por meio de atos miraculosos de livramento, orientação contínua e revelações especiais, foi o fator determinante que habilitou Israel a conhecer a Deus e, consequentemente, cumprir a comissão de transmitir esse conhecimento a todas as nações da Terra. Ao mesmo tempo, sempre que Israel falhava em cumprir o propósito de seu chamado, a soberania de Deus se tornava evidente: às vezes utilizando outras nações para punir Seu povo, mas sempre garantindo que o Seu propósito salvífico ainda assim fosse cumprido.

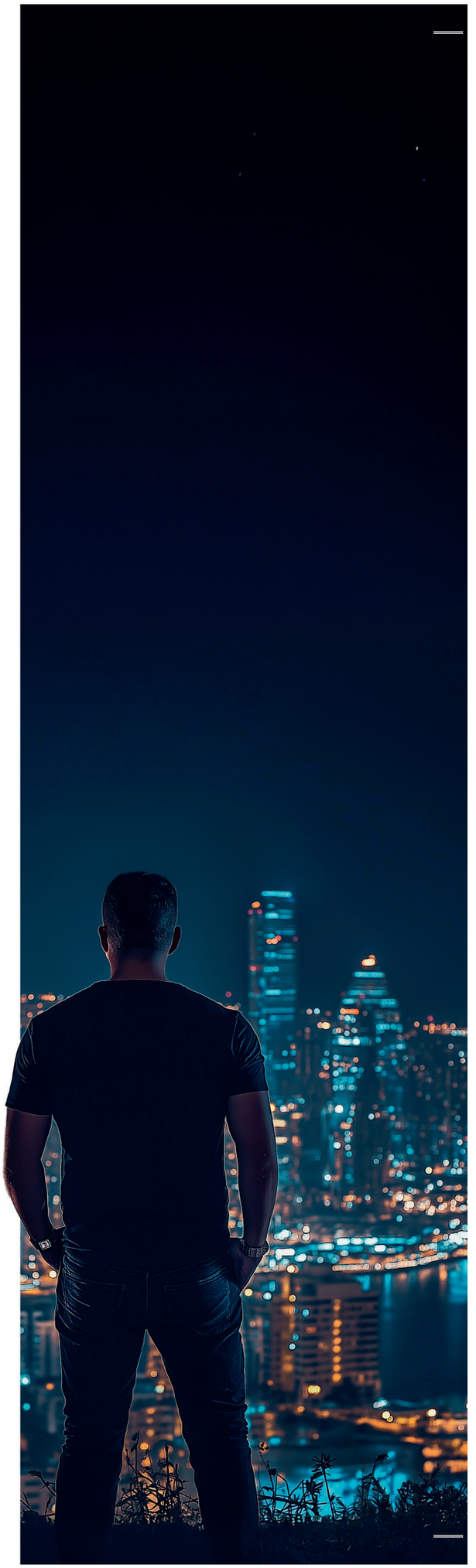
A soberania de Deus na missão contemporânea

As rédeas da missão continuam nas mãos de Deus, que continua sendo soberano. Precisamos abordar a tarefa missionária com a perspectiva correta: estamos apenas participando com Deus no que Ele está realizando.

Os propósitos eternos de Deus serão cumpridos inevitavelmente. A variável nessa equação é a participação humana. A soberania de Deus não restringe o livre-arbítrio; Ele não impõe Sua vontade sobre cada uma das nossas decisões. Podemos participar da missão à nossa maneira ou segundo a maneira de Deus, mas os resultados não serão os mesmos. Nossos melhores planos, iniciativas, esforços e resultados serão irrelevantes se não estiverem avançando na direção para a qual Deus está indo.

Na missão, é essencial trabalhar em sintonia com Deus para que algo útil aos Seus propósitos seja realizado. O pedreiro não constrói a casa de acordo com as ideias que vão surgindo; ele segue o projeto! Quanto mais complexa a construção, maior a necessidade de seguir o plano. O Deus soberano, que iniciou Sua missão universal e a fez avançar até o estágio atual, já possui o projeto para concluí-la, um plano amplo o suficiente para incluir todos os que permitem que Ele exerça soberania em sua vida.

Em outras palavras, se desejamos ter a oportunidade de executar uma pequena parte do projeto de Deus para a edificação do Seu Reino, no local em que estamos servindo a Ele, precisamos permitir que o Senhor seja soberano em nossa vida. A soberania de Deus é especialmente exercida onde Seu povo está.



A soberania é evidenciada por meio de ações soberanas. A aceitação da soberania é mais bem demonstrada por meio de uma atitude de submissão. Se Deus é soberano em nossa vida, devemos refletir isso por meio de uma vida devocional consistente. Precisamos submeter nossos planos a Deus e, assim, avançar ou recuar conforme a mão da Providência indicar. A soberania de Deus se torna evidente quando, por exemplo, oramos para que o Espírito Santo conduza uma reunião administrativa e aceitamos um resultado diferente do que esperávamos.

Honramos a soberania de Deus em nossos esforços missionários quando não desprezamos nosso local de trabalho. Muito antes de chegarmos, o Espírito Santo já estava atuando nesse lugar. Fomos colocados ali para participar do cumprimento dos propósitos de Deus na vida das pessoas que habitam naquele ambiente. É nesse local que desenvolvemos nossa vocação e, principalmente, servimos a Deus. Não subestime a importância desse lugar.

Ao mesmo tempo, no campo missionário, ter uma percepção clara do ideal é mais importante do que simplesmente ser motivado ou bem-intencionado. Não basta ter disposição para se submeter à soberania de Deus; é preciso compreender a direção em que o Senhor está se movendo para que possamos cooperar com Ele em Sua missão. A seguir, apresento algumas diretrizes que podem ajudar nesse processo.

Primeiro, fundamente sua prática missiológica em princípios bíblicos sólidos, extraídos de uma exegese cuidadosa e amparados por uma hermenêutica acurada. O Deus da Bíblia é um Deus missionário, e toda a Escritura é um livro missionário. Nossas melhores ideias devem ser, na verdade, uma reprodução do que aprendemos ao observar a atividade missionária do próprio Deus.

Segundo, consulte a orientação do dom profético. A Bíblia diz: "Certamente o Senhor Deus não fará coisa alguma, sem primeiro revelar o Seu segredo aos Seus servos, os profetas" (Am 3:7).

Terceiro, não atue de forma independente da comunidade do povo de Deus. Ellen White escreveu: "Deus tem na Terra uma igreja que é Seu povo escolhido, que guarda os Seus mandamentos. Ele está guiando, não ramificações transviadas, não um aqui e outro ali, mas um povo."[11] A história da igreja cristã e do movimento missionário mostra que, geralmente, quando Deus inicia uma nova fase da Sua missão, Ele não coloca Seu plano exclusivamente no coração de uma única pessoa. João Wycliffe na Inglaterra, João Huss na Boêmia, Martinho Lutero na Alemanha e João Calvino na Suíça, entre outros, foram instrumentos de Deus para promover a Reforma Protestante e exemplificam como Ele age ao direcionar mudanças significativas.

Quarto, não ignore os sonhos. Às vezes, o coração nos leva a lugares em que poucos estiveram, inspirando planos que talvez nunca tenham sido realizados. Esse desejo sincero de fazer algo que glorifique a Deus, edifique a igreja, mobilize pessoas para a missão e salve pessoas para o reino dos Céus não pode ficar só no campo das ideias. É preciso lançar a semente. Uma semente não germina no bolso ou na mão; precisa ser plantada! O conhecimento que se quer dominar, o projeto que se quer implementar, o evento que se quer promover, o ministério que se quer desempenhar, o terreno que se quer comprar, a igreja que se quer construir, a mudança que se quer implementar; para tudo isso, a semente deve ser lançada. É preciso começar! Provavelmente será algo pequeno no início, mas o crescimento é um princípio do reino de Deus (Mc 4:30-32). Não se deve ignorar os sonhos, mesmo que haja insegurança ou que a ideia pareça totalmente ilógica. Pode ser que o próximo passo na direção de Deus dependa de uma iniciativa de Seus filhos.

Referências

1 Ross Hastings sugere que a missão é o atributo definidor de Deus, no sentido de que as missões divinas elucidam o ser triúno de Deus como amor (*Missional God, Missional Church* [Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 2012], p. 251). Richard Davidson aponta que, na criação, encontramos a missão original de Deus: o Pai enviando o Espírito (Gn 1:2; cf. Sl 104:30) e o Filho, a Palavra (Gn 1:3; Jo 1:1), na missão de criar o Universo ("os céus e a terra", Gn 1:1), e em particular, este mundo ("Back to the Beginning: Genesis 1–3 and the Theological Center of Scripture", em *Christ, Salvation and the Eschaton* (Berrien Springs, MI: Andrews University, 2009), p. 11-19.

2 George A. F. Knight, *A Christian Theology of the Old Testament* (Richmond, VA: John Knox Press, 1959), p. 8.

3 Gordon J. Wenham sugere que Gênesis 1–11 provê o pano de fundo para o chamado de Abraão e evidencia que, embora o pecado houvesse aparentemente frustrado o plano de Deus para a humanidade, as promessas feitas aos patriarcas cumprem o propósito divino de abençoar todas as nações da Terra (*Genesis 1–15, Word Biblical Commentary 1* [Waco, TX: Word Books, 1987], p. L–LIII.

4 Walter Kaiser, *Mission in the Old Testament: Israel as a Light to the Nations* (Grand Rapids, MI: Baker Academics, 2012), p. 2-7.

5 H. H. Rowley sugere que o povo de Israel foi eleito não por ser superior às outras nações, mas pela graça de Deus, que o escolheu e derramou Seu amor sobre ele, apesar de suas fraquezas (Is 60:11, cf. 61:5, 9). O propósito da eleição é o serviço; quando esse serviço é retido, a eleição perde seu significado e pode até se tornar motivo de punição divina (*The Biblical Doctrine of Election* [London: Lutterworth, 1950], p. 18, 19, 52).

6 Jiří Moskala, "The Mission of God's People in the Old Testament", *Journal of the Adventist Theological Society* 19 (2008), p. 40-60.

7 H. Merrill propõe que a soberania de Deus é o tema principal, o fator subjacente do pensamento bíblico ao redor do qual tudo gira. Para ele, não seria incorreto sugerir que esse conceito encapsula a essência da mensagem bíblica e, de fato, é o centro teológico das Escrituras (*Everlasting Dominion: A Theology of the Old Testament* [Nashville, TN: Broadman and Holman, 2006], p. 138, 147, 155).

8 Christopher J. H. Wright, *Living as the People of God: The Relevance of the Old Testament Ethics* (Leicester, UK: InterVarsity Press, 1983), p. 24.

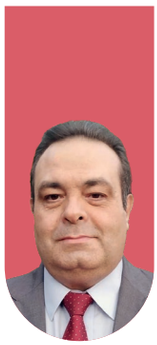
9 Daniel I. Block, *The Gods of the Nations: Studies in Ancient Near Eastern National Theology* (Jackson, MS: Evangelical Theological Society, 1988), p. 74-96.

10 Merrill, *Everlasting Dominion*, p. 140, 157.

11 Ellen G. White, *Conselhos Para a Igreja* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2010), p. 244.

Imagem generativa: Fábio Fernandes

P5 49567 – Revista Ministério JAN / FEV
22/11/2024 10:24



Moises Mattos
pastor em São Carlos, SP

NÚMEROS OU **PESSOAS?**

Um aparente dilema

Imagem: Montagem sobre Adobe Stock

Lembro-me da minha primeira participação em um concílio pastoral. Eu era um recém-formado em Teologia, cheio de sonhos e ciente de que tinha muito a aprender. Aquela experiência foi profundamente enriquecedora. Durante a programação, dois sentimentos conflitantes dominavam meu coração: o desejo ardente de ser um pastor bem-sucedido e a preocupação com as expectativas e os resultados que meus líderes e minha igreja esperavam do meu ministério.

Em meio a esse dilema, uma das aulas do concílio foi particularmente marcante. Um pastor americano fez uma ilustração sobre liderança que nunca mais

esqueci. Ele desenhou uma cruz, escrevendo "Resultados" na haste vertical e "Pessoas" na haste horizontal. Com isso, ele explicou que um líder deve equilibrar números e pessoas, e que esses dois aspectos se cruzam, formando a base de um ministério saudável.

Desde então, essa ilustração me acompanha, especialmente quando reflito sobre os desafios do ministério pastoral. Como harmonizar esses dois pontos que, à primeira vista, parecem irreconciliáveis? Alguns acreditam que focar nos resultados – como batismos, construções, empreendimentos e projetos – implica sacrificar os relacionamentos. Outros temem que priorizar as relações humanas possa comprometer os resultados e o crescimento. Será possível encontrar um equilíbrio nessa equação?

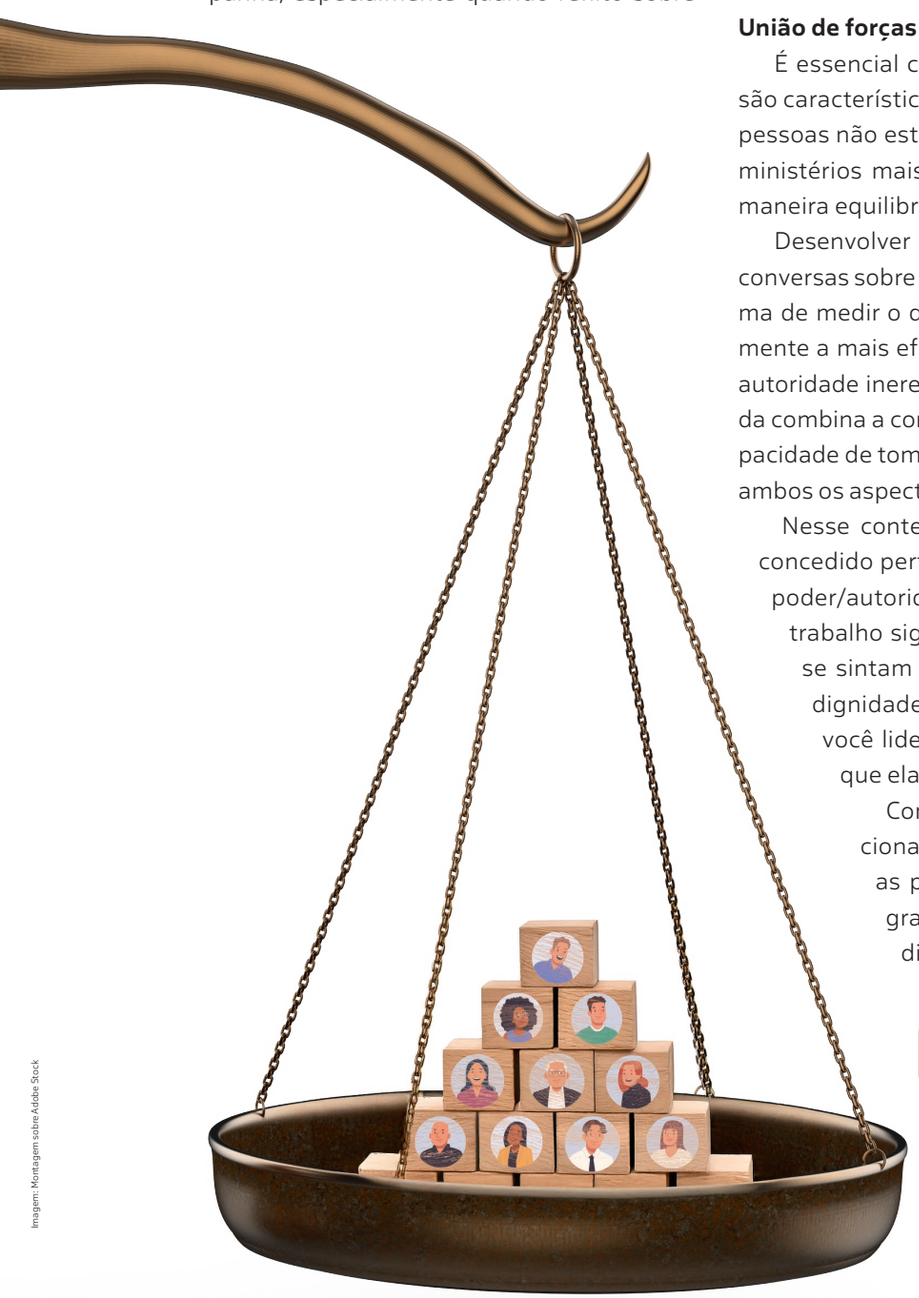


Imagem: Montagem sobre Adobe Stock

União de forças

É essencial compreender que ser relacional e ser produtivo não são características excludentes. Entender, desenvolver e valorizar as pessoas não está em oposição ao alto desempenho. Na verdade, os ministérios mais bem-sucedidos integram esses dois aspectos de maneira equilibrada e eficaz.

Desenvolver relacionamentos não elimina a necessidade de ter conversas sobre resultados. Embora os números possam ser uma forma de medir o desempenho, eles não são a única, nem necessariamente a mais eficaz. Liderança relacional não significa abrir mão da autoridade inerente ao líder. Pelo contrário, uma liderança equilibrada combina a construção de relacionamentos consistentes com a capacidade de tomar decisões firmes e responsáveis, assegurando que ambos os aspectos contribuam para o sucesso do ministério.

Nesse contexto, é essencial lembrar que o poder que nos foi concedido pertence a Deus, não a nós. Devemos administrar esse poder/autoridade com humildade, garantindo que, ao realizar um trabalho significativo no Reino, as pessoas em nossas equipes se sintam valorizadas, cuidadas, capacitadas e tratadas com dignidade. Liderança relacional significa amar as pessoas que você lidera e cuidar delas, além de reconhecer e valorizar o que elas podem produzir.

Como encontrar a simbiose entre resultados e relacionamentos, mobilizando, influenciando e tornando as pessoas produtivas na missão? Esse é, de fato, um grande desafio. No entanto, permita-me dar algumas dicas importantes:

1 *Considere os fins sem esquecer os meios.* Quando falamos de ministério, igreja e pastorado, lidamos com algo diferente de um negócio secular. Não somos guiados apenas pelos "fins"; estamos igualmente comprometidos com os "meios". Não podemos focar exclusivamente na concretização de uma visão ou no atingimento de um resultado final. É crucial dar atenção tanto ao "como" quanto ao "que". Se priorizarmos apenas os resultados, corremos o risco de transformar o ministério em um fim em si

P5 49567 – Revista Ministério JAN / FEV
22/11/2024 10:24

mesmo, perdendo a conexão com as pessoas envolvidas.

Permita-me ser direto: Não é certo pisar nas pessoas em nome da missão e dos seus resultados. Uma leitura atenta dos evangelhos revela que Jesus Se importava tanto com a implantação do Reino quanto com o cuidado das pessoas ao longo do caminho. Para ser um grande líder cristão, é essencial investir nos relacionamentos, permitindo que, ocasionalmente, se faça retiradas do "cofre" do desempenho, sempre mantendo o equilíbrio entre cuidar das pessoas e alcançar os objetivos.

2 *Dedique tempo para amar as pessoas e estar com elas*. Para entender essa dica, é importante lembrar a metáfora do casamento. O matrimônio revela a necessidade de ajuda e atenção mútuas. O casal que deseja ser feliz deve trilhar um caminho de amor, carinho e diálogo. Todo amor compartilhado tende a voltar para quem o doa. O amor é uma estrada de mão dupla: uma que vai e outra que vem. Um relacionamento não é saudável quando uma das partes se define apenas pelo que pode fazer pela outra, sem receber nada em troca. Isso é verdadeiro não só no casamento, mas também no contexto de uma equipe ou igreja.

A Bíblia diz: "Cuidemos também de nos animar uns aos outros no amor e na prática de boas obras" (Hb 10:24). E acrescenta: "Amem uns aos outros com amor fraternal. Quanto à honra, deem sempre preferência aos outros" (Rm 12:10). As pessoas tendem a responder melhor aos desafios e projetos quando se sentem incluídas e amadas pelos seus líderes. Diante disso, é importante refletir: Será que todo o tempo e energia que dedicamos para nos tornarmos líderes melhores é proporcional ao investimento que fazemos para sermos mais amorosos e relacionais com as pessoas?

A verdade é que, em qualquer organização, as pessoas se sentirão amadas e valorizadas ou usadas e desvalorizadas pelos seus superiores, e isso impacta diretamente os resultados. Pequenos gestos, como uma visita, uma mensagem de aniversário ou uma demonstração de preocupação com o filho doente de um irmão, podem gerar mais benefícios pessoais e organizacionais do que se imagina. Outro aspecto importante é reservar tempo para ouvir as histórias dos membros. Isso cria um "depósito relacional" que fortalece os vínculos entre líderes e liderados. Além disso, ao conversar com alguém, é essencial olhar nos olhos e dedicar atenção total e concentrada, transmitindo respeito e empatia.

> "Liderança relacional significa amar as pessoas que você lidera e cuidar delas, além de reconhecer e valorizar o que elas podem produzir."

3 *Ore com eles e por eles*. Quando falamos em oração, normalmente pensamos em pedir a Deus bênçãos materiais e saúde. No entanto, o exercício da liderança é altamente complexo, e não podemos ignorar que vivemos em um grande conflito entre o bem e o mal. Liderar requer consagração, entrega e oração. Nesse contexto, é importante lembrar: "Sem oração, ninguém está livre de perigo nem por um dia ou uma hora sequer."[1] Orar pelo ministério dos outros é importante, mas orar com eles e por eles é essencial. A Bíblia diz: "Orem uns pelos outros, para que vocês sejam curados" (Tg 5:16).

4 *Cuide de você mesmo*. Antes de falarmos sobre liderança relacional, precisamos pensar em exercer liderança sobre nós mesmos. Embora isso possa parecer contraditório, o autocuidado é fundamental para uma liderança eficaz. Brian Tracy aconselhou: "Quanto melhor você se conhecer e se compreender, melhores serão as decisões que você tomará e melhores serão os resultados."[2]

Quando estamos esgotados, torna-se difícil cultivar relacionamentos saudáveis. O cansaço nos deixa menos amorosos, pacientes e gentis. Se nosso "tanque" estiver vazio, não teremos nada a oferecer aos outros, pois ninguém pode dar o que não tem. Em contrapartida, uma vida plena tem o poder de influenciar outras vidas, tornando-as mais motivadas e produtivas.

5 *Construa metas juntamente com seus liderados*. Esse é um ponto importante para quem deseja alcançar alvos e, ao mesmo tempo, desenvolver bons relacionamentos. As metas não devem ser impostas

Imagem: Montagem sobre Adobe Stock

unilateralmente pelo líder, como se ele estivesse em um pedestal, ditando o que os outros devem fazer. Muitos líderes, como observou Bill Robinson, adotam uma postura de "estar acima" em vez de "estar com" as pessoas.[3]

Para que as metas sejam eficazes, é fundamental que sejam bem definidas, claras, mensuráveis e compatíveis com a realidade e o potencial das condições ao redor. Metas exageradas podem gerar medo, enquanto metas subestimadas podem ser vistas apenas com humor, sem motivar os liderados.

A construção de metas, no entanto, demanda tempo e dedicação. Alguns acreditam que uma única reunião é suficiente para definir tudo, ouvindo as pessoas previamente convocadas para isso. Contudo, esse método apresenta um problema: os liderados tendem a falar apenas o que imaginam que o líder quer ouvir. O ideal é ouvir os liderados ao longo do tempo, em conversas informais. Nessas situações, as pessoas se sentem mais à vontade para abrir o coração e compartilhar o que realmente pensam e desejam, livres de preconceitos.

Ouvir genuinamente requer mais do que apenas estar presente, é preciso sensibilidade e capacidade de percepção. Uma boa conversa em uma visita informal, em uma reunião social, ou até mesmo um bate-papo no pátio da igreja enquanto se aguarda o culto, pode oferecer *insights* valiosos.

Por fim, após a implementação das metas e padrões, é crucial reservar tempo para avaliações periódicas, corrigindo os rumos conforme necessário. Esse processo forma a base para novos desafios e conquistas significativas.

Conclusão

No exercício da liderança, o dilema entre números e pessoas não deve ser visto como uma escolha excludente, mas sim como um equilíbrio a ser alcançado. Números são importantes para a gestão e o planejamento, mas não podem ser o único foco.

Uma liderança eficaz deve buscar estratégias para usar os números como uma ferramenta para servir melhor as pessoas e ganhar novos cidadãos para o Reino. Nesse modelo relacional, a maior preocupação deve ser com o que queremos para os outros, e não apenas com o que queremos deles.

Em suma, a liderança cristã deve abraçar tanto a importância dos números quanto o valor inestimável das pessoas. Os números podem fornecer dados úteis e *insights* sobre a eficácia de um ministério, mas a verdadeira medida do sucesso está na transformação e no cuidado das vidas individuais. Devemos buscar um modelo de liderança que valorize a métrica sem perder de vista a missão principal: servir e amar as pessoas, assim como Cristo fez. Somente dessa forma seremos capazes de construir ministérios verdadeiramente frutíferos, que reflitam a essência do amor e da graça de Deus.

Referências

1. Ellen G. White, *O Grande Conflito* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2021), p. 442.
2. Brian Tracy, *Cómo Lideran Los Mejores Líderes* (Nashville, TN: Grupo Nelson, 2011), p. 34.
3. Bill Robinson, *Incarnate Leadership: 5 Leadership Lessons From the Life of Jesus* (Grand Rapids, MI: Zondervan, 2009), p. 23.

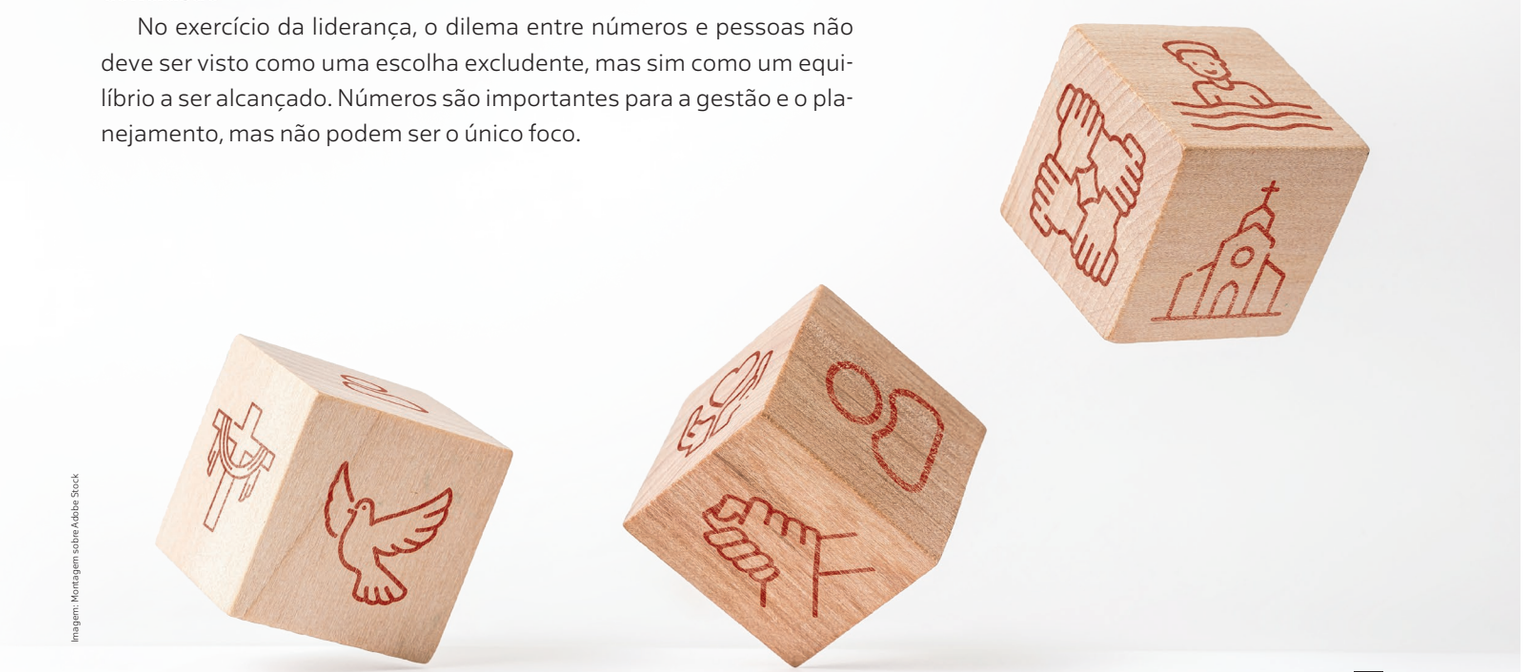


Imagem: Montagem sobre Adobe Stock

P5 49567 – Revista Ministério JAN / FEV
22/11/2024 10:24

Rubens Mandelli
pastor em Brasília, DF

REDESCOBRINDO O PRAZER DE **PASTOREAR**

Sugestões para resgatar a paixão pelo ministério

Imagem generativa: Fábio Fernandes

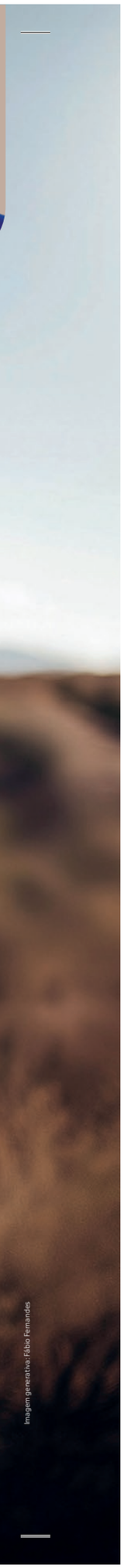


Imagem generativa: Fábio Fernandes

É um imenso privilégio para nós, pastores, dedicarmos nossa vida ao Senhor, servindo no sagrado ministério. A oportunidade de pregar o evangelho, visitar os membros, apresentar crianças e realizar cerimônias de casamento e batismos são experiências marcantes em nossa jornada ministerial.

No entanto, ao longo do tempo, os desafios podem ofuscar o "brilho nos olhos" que tínhamos no início da caminhada. Mudanças constantes, estresse, frustrações, solidão e outros fatores podem minar o entusiasmo, bem como o senso de chamado e da missão.

Uma pesquisa realizada em 2021 pelo Instituto Barna, publicada na *Revista Ultimato*,[1] trouxe à tona dados preocupantes sobre as percepções dos pastores a respeito do ministério. De acordo com o estudo, 56% dos pastores que consideraram deixar o ministério indicaram que "o imenso estresse do trabalho" foi um fator crucial. Além disso, 43% dos entrevistados afirmaram sentir-se "solitários e isolados", enquanto 38% citaram "divisões políticas atuais" como razões pelas quais consideraram abandonar suas funções.

Outros motivos que apareceram na pesquisa foram:

- **29%** Estou descontente com o efeito que este papel teve na minha família.
- **29%** Não estou otimista sobre o futuro da minha igreja.
- **29%** Minha visão para a igreja entra em conflito com a direção da igreja.
- **24%** Minha igreja está em constante declínio.
- **22%** Não estou satisfeito com meu trabalho.
- **21%** Não me sinto respeitado pelos membros.
- **19%** Não me sinto equipado para lidar com as demandas do ministério.
- **10%** Sinto-me chamado para outra profissão fora do ministério da igreja.
- **6%** Passei por uma crise pessoal de fé.
- **6%** O ministério não é o que eu pensei que seria.

Embora o estudo tenha sido realizado com pastores de diferentes denominações, em sua maioria evangélicos, é possível que, neste momento, você, pastor adventista, esteja enfrentando algumas dessas dificuldades e, consequentemente, perdendo o prazer pelo ministério.

Confesso que, ao longo dos meus 15 anos dedicados à Obra, também enfrentei situações semelhantes, algumas das quais me fizeram refletir se deveria continuar a jornada ou buscar uma nova atividade. Felizmente, mesmo em meio a momentos de angústia e apreensão, percebi a mão de Deus me conduzindo em direção à redescoberta do prazer de pastorear.

Por isso, compartilho com você algumas reflexões que me ajudaram a resgatar a paixão pelo ministério. Apresento-as como sugestões, com o sincero desejo de que, de alguma forma, elas o ajudem, caso você tenha perdido a alegria no ministério, ou contribuam para evitar que isso aconteça no futuro.

Comparação

É possível que, em algum momento, você tenha perdido a motivação pelo ministério ao observar relatos e conquistas de colegas que alcançaram melhores resultados do que os seus em determinadas atividades. Quando isso acontece, muitas vezes surge um sentimento de autodepreciação e incapacidade, levando-o a questionar se, de fato, o Senhor está com você, pois parece que não é tão "abençoado" quanto os demais.

Se você está enfrentando esse tipo de angústia, entenda: toda comparação é injusta! Como costumamos dizer: "Temos cinco dedos em cada mão, e nenhum deles é igual ao outro." É impossível realizar o mesmo que os outros realizam, pois somos diferentes, não inferiores.

Jamais permita que a comparação esgote suas energias e roube a alegria de servir. Somos seres únicos; cada um de nós tem virtudes e limitações. Além disso, as pessoas, os recursos, a geografia, o contexto, a experiência de vida e uma infinidade de outros fatores que o colega "bem-sucedido" pode ter à disposição não são os mesmos que você possui. Sempre leve isso em consideração.

Outro aspecto ao qual você precisa prestar atenção é um eventual desânimo por não ter sido "reconhecido" ou nomeado para determinada função. Se esse é o seu caso, reflita: Deus o chamou para ser pastor, não para ser departamental, administrador ou qualquer outra função. Tenha sempre em mente a essência do seu chamado: você é pastor! Isso também se aplica àqueles que não foram reconduzidos a uma função. Lembre-se das palavras de Jesus dirigidas a Pilatos: "O senhor não teria nenhuma autoridade sobre Mim se de cima não lhe fosse dada" (Jo 19:11). Confie na permissão divina em todos os detalhes de sua vida.

Lembre-se também da experiência de Davi antes de ser ungido rei sobre Israel. Jessé, seu pai, não "escreveu seu nome na lousa durante a reunião de nomeações" que

P5 49567 – Revista Ministério JAN / FEV
22/11/2024 10:24

elegeria o futuro monarca. No entanto, Davi foi indicado pelo próprio Deus. É Ele quem define, escolhe e permite!

Portanto, não tenha dúvidas: "O coração do ser humano pode fazer planos, mas a resposta certa vem dos lábios do Senhor" (Pv 16:1). Descanse na direção de Deus. Se Ele entender que você deve exercer determinada atividade em Sua Obra, assim será; do contrário, alegre-se com a função e o local que Ele lhe concedeu. O melhor lugar para você estar é debaixo da vontade de Deus.

Expectativas

Outro motivo que pode levar você ao desânimo é a expectativa não alcançada. Acredito que, assim como eu, ao deixar o seminário, você sonhava em mudar o mundo e revolucionar a igreja. No entanto, ao iniciar os trabalhos, percebeu que não seria (e não é) tão simples assim. As ideias que formulou e os planos que elaborou, na maioria das vezes, ficaram apenas no papel; você não encontrou espaço para aplicá-las, e isso tem causado desapontamento. Somado a isso, é possível que você esteja frustrado por não atingir as expectativas que o campo e a igreja local nutrem a seu respeito.

Para restaurar a paixão pela obra do Senhor, é importante lembrar, a cada momento, que você não é onipotente, onisciente e onipresente. Esses são atributos de Deus, não seus. Você não pode resolver todos os problemas, não possui todas as respostas e não consegue atender a todas as demandas para as quais é solicitado. Trazer essa realidade à consciência é essencial para compreender o papel que realmente você foi chamado a desempenhar.

Querido amigo, o verdadeiro Pastor da igreja e quem de fato solucionará todos os problemas é Deus. A alegria de pastorear é renovada quando você ajuda os irmãos a enxergarem que precisam depender de Deus em seus desafios diários, e que Ele é o Salvador, não você.

Ellen White escreveu: "É raro um pastor ter todas as qualidades necessárias para aperfeiçoar uma igreja em todas as exigências do cristianismo; por isso, muitas vezes, Deus lhes envia outros pastores, com habilidades nas quais os anteriores eram deficientes."[2]

Reconheça suas limitações e faça aquilo que está ao seu alcance. Além disso, ore com suas ovelhas e por elas. Esteja presente, ouça-as e procure direcioná-las. Ajude-as "a carregar os fardos", mas nunca tente carregá-los sozinho por elas. Cristo já fez isso, e elas precisam saber!

Redes sociais

Outro fator que pode fazer você perder a alegria pelo ministério está relacionado às mídias sociais. Vivemos em uma época em que *likes* e *views* parecem ser determinantes para manter a motivação. Todos gostamos de elogios e reconhecimento, mas é importante lembrar que o número de visualizações de seus vídeos e os comentários em suas postagens não definem seu ministério, e há algumas razões muito simples para isso:

Primeiro: Você não foi chamado para ser *youtuber* ou *influencer* digital. Você foi chamado para ser pastor. É óbvio que as mídias sociais são ferramentas úteis para a pregação do evangelho e podem otimizar seu tempo, mas não permita que a falta de seguidores e curtidas faça você perder a paixão pelo ministério.

Segundo: Compreenda que o importante são aqueles que visualizam suas postagens, mesmo que sejam poucos, e não os que você espera que visualizem. Mais importante ainda é o conteúdo que você compartilha. Publique o que há de melhor, da mesma forma que você prepara e apresenta o melhor sermão em suas igrejas. As pessoas devem ser valorizadas e merecem o melhor que você pode oferecer.

Terceiro: Tenha consciência de que muitos acumulam uma grande quantidade de seguidores e visualizações devido à função que ocupam, e não por quem realmente são. Ou seja, muitos seguem e visualizam o que a pessoa representa, não necessariamente quem ela é. Isso é fácil de notar: observe como o número de seguidores aumenta significativamente quando alguém é nomeado para uma determinada função. A pessoa sempre esteve nas mídias sociais, mas a nova atividade, não o indivíduo em si, a coloca sob os "holofotes". Compreender esses aspectos vai libertá-lo da expectativa "não atingida" nas plataformas virtuais.

Outro aspecto que envolve as mídias sociais é a utilização dos aplicativos de mensagens, como WhatsApp e Telegram. O advento desses recursos trouxe grandes benefícios, permitindo resolver questões e agilizar processos. No entanto, esses mesmos meios podem se tornar ferramentas de esgotamento emocional. Ouvir constantemente o som das notificações, visualizar mensagens ininterruptamente e responder instantaneamente a cada pergunta mantém nosso cérebro ativo o tempo todo, o que acaba drenando nossa energia.

Para evitar a exaustão causada pela hiperconectividade, estabeleça horários específicos

Imagem generativa: Fábio Fernandes

para responder às mensagens. Acredito que três momentos ao longo do dia – pela manhã, após o almoço e no fim do dia – sejam suficientes. É importante entender que, em caso de urgência, o contato será feito por ligação.

Outro ponto importante: respeite seu dia de folga. Aproveite esse tempo para se desconectar, descansar a mente e dedicar mais tempo à sua família. Repito: em caso de urgência, não tenha dúvidas, farão contato via chamada de áudio.

Tenho me sentido mais disposto para exercer o ministério simplesmente por limitar o contato frenético com as diversas demandas que chegam por meio desses canais de comunicação, que, na maioria das vezes, não são urgentes.

Compartilhe experiências

Outro fator que tem me ajudado a redescobrir a paixão pelo pastoreio é o compartilhamento de ideias e materiais. Os mesmos anos de ministério que muitas vezes nos desgastam também nos permitem adquirir alguma experiência. Cada dia que passa é um novo aprendizado sobre o que fazer e o que evitar.

Tenho compreendido que as ideias, os materiais produzidos e as experiências vividas precisam ser compartilhados. Quando faço algo que dá certo, fico muito feliz; mas quando outros aplicam o que fiz e também obtêm sucesso, a alegria é ainda maior.

Estamos todos envolvidos na mesma Obra e aguardamos o retorno de Jesus. Se Deus tem capacitado você para produzir algo que auxilia na pregação do evangelho, compartilhe de forma desinteressada e com alegria. Isso trará um profundo sentimento de utilidade e satisfação.

Orientação para o ministério

Da mesma forma, a paixão pelo ministério é fortalecida quando seguimos as orientações que Deus deixou para Sua igreja. Ter a consciência tranquila por estar em conformidade com o plano divino é algo motivador e traz paz.

Nunca me esqueci de uma frase que ouvi do pastor Roberto Motta enquanto estive sob sua orientação durante o estágio de evangelismo. Em uma das reuniões, ele nos aconselhou: "Sigam as orientações que a igreja tem dado. Vocês não irão errar." Tenho procurado seguir esse sábio conselho desde então.

Recentemente, ao assumir um novo distrito, chamou-me a atenção uma pergunta feita por vários membros: "Pastor, como o senhor trabalha?" A resposta foi sempre a mesma: "Sigo o que diz a Bíblia, o Espírito de Profecia e o *Manual da Igreja*."

Você não precisa "inventar" nada para conduzir a igreja de Deus. Tudo o que é necessário para administrá-la foi claramente expresso nesses três preciosos "documentos". Lembre-se: suas ações e decisões serão constantemente questionadas. Conhecer e seguir as orientações deixadas por Deus para Sua igreja o ajudarão a avançar com segurança, sem medo de errar. Portanto, não faça concessões no que diz respeito aos princípios e normas estabelecidos. Muitos podem não concordar com você, mas não terão motivos para fazer qualquer crítica.

Coerência

Cristo foi coerente em Suas ações e ensinamentos, sendo nossa grande fonte de inspiração, especialmente no exercício do ministério. Ele nunca precisou rebaixar princípios e normas para ser aceito, utilizar linguagem obscena para atrair atenção, fingir que tudo estava bem

Imagem generativa: Fábio Fernandes

P5 49567 – Revista Ministério JAN / FEV
22/11/2024 10:24

ou "vender-Se" para obter favores. No entanto, muitos têm abandonado o ministério por praticar o oposto, vivendo de maneira incoerente com a grandeza do seu chamado.

Observe, a seguir, alguns conselhos práticos:

- Evite aceitar favores oferecidos com segundas intenções. Não se beneficie de sua posição ou influência. Lembre-se: "Um dia, a conta chega!"
- Administre com sabedoria as finanças pessoais e as da igreja. Jamais se aproprie do que não lhe pertence. Você lida com recursos sagrados.
- Defenda os princípios deixados por Deus, mesmo que isso lhe traga transtornos e você seja chamado de "perturbador de Israel" (1Rs 18:17).
- Seja imparcial, não favorecendo ninguém ou qualquer classe específica.
- Seja confiável e amigo verdadeiro. Tenho visto muitos que, após a aposentadoria, caem no ostracismo por causa de uma vida marcada por incoerências.

Para quem você trabalha?

Infelizmente, ao longo do meu ministério, tenho visto alguns "fecharem os olhos" para certas situações. Apresentam relatórios que não expressam com exatidão a realidade, ignorando princípios e normas na esperança de "ficarem bem na foto". Contudo, o que se vê são colegas com "dor na consciência", depressivos e magoados diante do "esforço não reconhecido".

Amigo, saber por quem e para quem você realmente trabalha – o Senhor – dará vida e significado ao seu ministério. Deus é digno de todo e qualquer sacrifício que pudermos fazer. Mesmo que nossa vida seja consumida para que o evangelho se espalhe (o que seria muito pouco diante do sacrifício que Deus fez por nós), Ele jamais aceitará que os princípios sejam rebaixados ou ignorados. Nunca se esqueça: obedecer é melhor do que sacrificar (1Sm 15:22).

Por isso, não se desvie das orientações que Ele deixou para Sua igreja e jamais dobre os joelhos "a Baal" (1Rs 19:18). Trabalhe sempre com o objetivo de agradar ao Senhor. Como o apóstolo Paulo escreveu: "Por acaso eu procuro, agora, o favor das pessoas ou o favor de Deus? Ou procuro agradar pessoas? Se ainda estivesse procurando agradar pessoas, eu não seria servo de Cristo" (Gl 1:10).

Conclusão

Antes de concluir, gostaria que você meditasse neste texto: "Embora a grande recompensa final seja dada na vinda de Cristo, o serviço feito de coração para Deus proporciona uma recompensa ainda nesta vida. O obreiro tem de enfrentar obstáculos, oposição, desânimo amargo e desolador. Talvez ele não veja o fruto de seu trabalho. A despeito de tudo isso, porém, encontra em seu trabalho uma bendita recompensa. Todos os que se entregam a Deus em um serviço desinteressado pela humanidade cooperam com o Senhor da glória. Esse pensamento ameniza toda fadiga, reforça a vontade, revigora o ânimo para qualquer coisa que possa sobrevir."[3] Que alegria saber disso!

Assim, querido colega de ministério, meu sincero desejo é que as sugestões que você acaba de ler o auxiliem a restaurar o prazer pelo ministério ou a evitar que você perca a paixão pela obra de Deus. Que o Senhor o ajude nessa nobre tarefa de anunciar o breve retorno de Jesus e preparar sua família e um povo para o glorioso encontro com Ele. Avancemos: Jesus tem pressa!

Referências

1 Felipe Pereira, "Pesquisa Indica as Principais Razões Pelas Quais Pastores Consideraram Deixar o Ministério", *Ultimato*, 18/8/2022, disponível em <link.cpb.com.br/60e48d>, acesso em 3/10/2024.
2 Ellen G. White, *Atos dos Apóstolos* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2021), p. 176.
3 White, *Obreiros Evangélicos* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2024), p. 390, 391.

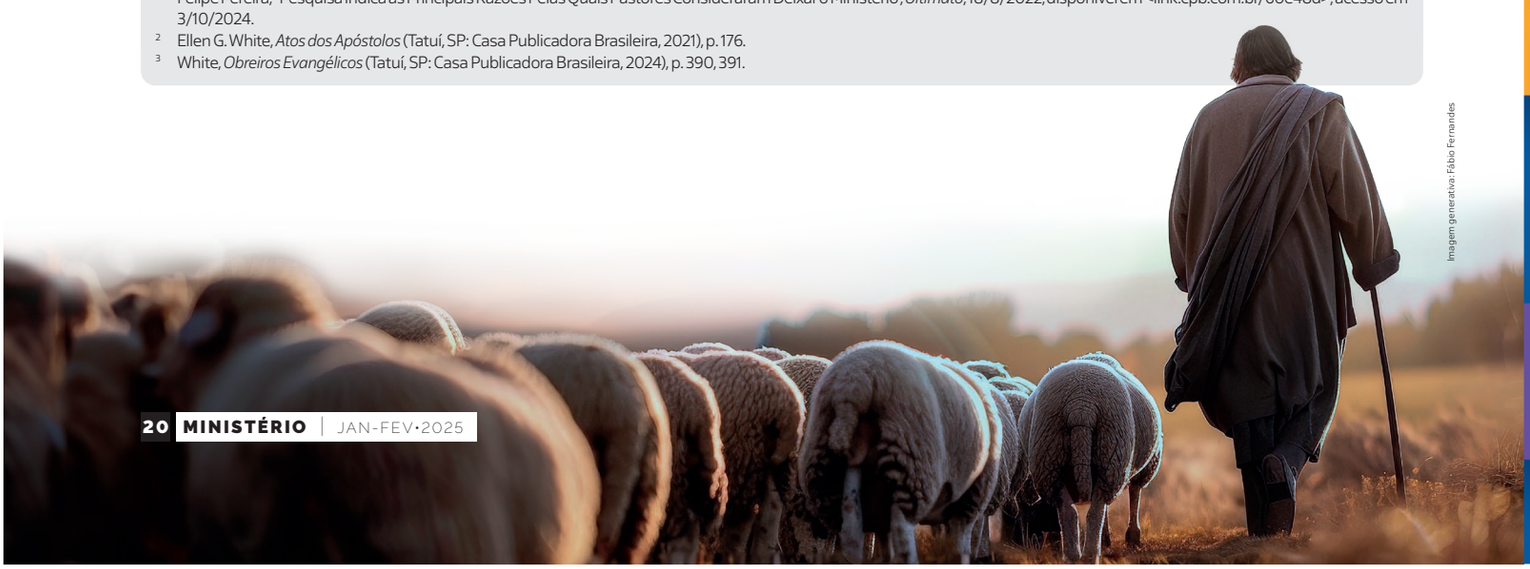


Imagem generativa: Fábio Fernandes

CPB

/cpbeditora
CPB.COM.BR

Acesse e confira a
livraria mais próxima

MKT CPB | Adobe Stock

Os melhores livros
para toda a família

LIGUE GRÁTIS
0800-9790606
de telefone fixo ou celular

PEÇA PELO
WHATSAPP
15 98100-5073

VISITE UMA DE NOSSAS
20 LIVRARIAS
espalhadas pelo Brasil

Imagem generativa: Fábio Fernandes

Cesar Vasconcellos
médico psiquiatra

ANSIEDADE **EXCESSIVA**

Como controlar pensamentos e sentimentos

Foto: Adobe Stock e Gentileza do autor.

Todo mundo experimenta ansiedade, mas nem todos lidam com ansiedade excessiva. Ansiedade é diferente de depressão; enquanto a depressão está associada à tristeza, a ansiedade está relacionada à aflição. A ansiedade excessiva surge quando a pessoa se sente ameaçada por algo que parece estar fora do seu controle, quando cultiva pensamentos trágicos com frequência ou enfrenta conflitos importantes em seus relacionamentos, seja na família, no trabalho ou na comunidade religiosa.

A ansiedade revela que existe uma fonte de estresse que essa pessoa ainda não aprendeu a administrar. Essa fonte pode ser subjetiva, como a insegurança emocional, ou objetiva, como relacionamentos abusivos, possibilidade de demissão, doenças graves, crises conjugais, entre outros fatores.

Como a ansiedade aparece

A ansiedade excessiva se manifesta de diversas formas, como impaciência, medo, nervosismo e falta de serenidade. Quando uma pessoa está muito ansiosa, tende a evitar situações que acredita intensificar seu desconforto emocional, como sair de casa sozinha, ir ao trabalho ou permanecer em lugares em que se sente desprotegida.

Se a ansiedade se torna intensa e prolongada, surgem sintomas psicossomáticos – manifestações físicas de uma luta mental. Esses sintomas incluem reações na pele, tontura, sensação de falta de ar e até o desenvolvimento de doenças autoimunes. Além disso, a ansiedade excessiva pode comprometer o funcionamento de órgãos e agravar os sintomas de doenças preexistentes, mesmo que suas causas sejam independentes da saúde mental.

Pessoas muito ansiosas tendem a focar mais nas possibilidades negativas de um evento do que nas positivas. Seus pensamentos interpretam estímulos normais do corpo como perigosos. Por exemplo, se o intestino emite sons normais devido a gases, o ansioso pode começar a se perguntar se isso não seria um sinal de uma doença grave.

Tipos de ansiedade

Uma pessoa pode ter o que chamamos de "ansiedade traço", que é um perfil ansioso de personalidade existente desde a infância, diferentemente da "ansiedade estado", que se refere a um aumento temporário da ansiedade. Quando alguém tem ansiedade traço, eventos comuns, como mudanças no corpo, a ideia de uma viagem ou uma troca de emprego, podem ser vividos com muita ansiedade, pois essa pessoa já possui um perfil ansioso. Em muitos casos, o que intensifica a ansiedade em indivíduos com ansiedade traço é mais a imaginação do que a realidade.

Crianças sensíveis que crescem em ambientes familiares traumatizantes – com gritaria, brigas frequentes entre os pais, separação, ou pais agressivos, autoritários ou nervosos – podem desenvolver um nível alto de ansiedade que poderá piorar na vida adulta diante de eventos igualmente desagradáveis, como um chefe agressivo, um colega de trabalho competitivo ou um cônjuge problemático. A ferida emocional já estava presente desde a infância e, na vida adulta, algum evento pode dispará-la, desencadeando uma ansiedade excessiva. Um fator do presente mexe na ferida do passado, provocando dor.

Questione seus pensamentos

É muito importante que uma pessoa excessivamente ansiosa comece a questionar seus pensamentos que geram sentimentos de medo, insegurança e inquietação. Os pensamentos produzem os sentimentos, e os sentimentos nos conduzem a atitudes. O ansioso pode melhorar gradativamente à medida que avalia se seus pensamentos têm base na realidade ou são fruto da imaginação. Por exemplo, se um indivíduo muito ansioso precisa fazer uma viagem de carro, seus pensamentos podem disparar ideias como: "E se o pneu furar?", "E se errarmos o caminho?", "E se houver um assalto?" Quanto mais esses pensamentos forem cultivados, maior será a ansiedade. O ansioso precisa entender que é parte da vida tomar precauções, mas também deve aceitar que não é possível prevenir todos os perigos. Isso implica aprender a conviver com um certo grau de incerteza. Para isso, pode ser útil recorrer a textos bíblicos, como 1 Coríntios 10:13, que diz: "Não sobreveio a vocês nenhuma tentação que não fosse humana; mas Deus é fiel e não permitirá que vocês sejam tentados além do que podem suportar; pelo contrário, juntamente com a tentação proverá livramento, para que vocês a possam suportar." Paulo também nos lembra em Romanos 8:28: "Todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus."

A ansiedade excessiva pode surgir de diferentes formas. Uma delas é a "ansiedade generalizada", em que a pessoa se sente ansiosa quase o tempo todo. Outra forma é por meio de fobias, que podem ser simples ou sociais. A fobia é um medo exagerado, como o medo de

Foto: Adobe Stock e Gentileza do autor

P5 49567 – Revista Ministério JAN / FEV
22/11/2024 10:24

altura, de certos animais, de estar sozinho, de estar em uma multidão, ou o medo excessivo de ser observado por outras pessoas. As consequências das fobias incluem faltas à escola, queda de produtividade no trabalho e dificuldades econômicas, como a incapacidade de ganhar dinheiro devido à insegurança emocional. A fobia é, na verdade, um disfarce para a ansiedade exagerada.

Outro tipo de sofrimento relacionado ao excesso de ansiedade é a chamada "agorafobia", que geralmente surge após a pessoa ter passado por vários ataques de pânico. Agorafobia é o medo de lugares e situações que possam causar desespero, impotência ou constrangimento. Isso pode acontecer, por exemplo, com alguém muito tímido, que apresenta um medo exagerado de ser rejeitado, criticado ou humilhado.

Olhe para fora de si

Uma pessoa tímida pode se beneficiar ao desviar o foco de seus pensamentos sobre si mesma e sobre como se sente em um grupo, concentrando sua atenção em algo externo, como o assunto da conversa. Em vez de pensar: "Meu coração está acelerado! Estou suando muito!", ela pode tentar mudar o pensamento para: "Que interessante o que essa pessoa está dizendo!" Além disso, pode aprender a se proteger para evitar humilhações e a se defender adequadamente.

No tratamento psicológico dos transtornos de ansiedade, especialmente na abordagem da Terapia Cognitivo-Comportamental (TCC), são utilizadas diversas intervenções. Entre elas, estão estratégias de relaxamento, treinamento de habilidades sociais, exposição gradual ao que causa ansiedade e reestruturação dos pensamentos.

No caso específico de fobias, a psicoterapia ajuda a pessoa a enfrentar gradualmente seus medos, conforme sua capacidade de suportar a ansiedade. Por exemplo, se alguém tem fobia de um animal inofensivo, o psicólogo começa expondo a foto do animal, depois um brinquedo de pelúcia e, assim por diante. Esse processo permite descondicionar o medo excessivo.

Tratamento

No tratamento de pessoas com ansiedade generalizada, o foco é ajudá-las a perceber que sua preocupação está mais relacionada à tentativa de aliviar o desconforto gerado pela ansiedade do que a situações realmente perigosas ou ameaçadoras. É necessário forçar o pensamento para refletir que a situação pode não ser, de fato,

Imagem: Composição sobre Adobe Stock

Imagem: Composição sobre Adobe Stock

perigosa, mas que é a ansiedade que a faz parecer assim. Isso implica uma reeducação dos pensamentos, que não pode ser substituída pelo uso de medicamentos.

Jesus nos orientou a não sermos excessivamente ansiosos ou preocupados na vida. Ele disse: "Não se preocupem com a sua vida, quanto ao que irão comer ou beber; nem com o corpo, quanto ao que irão vestir. Não é a vida mais do que o alimento, e não é o corpo mais do que as roupas?" (Mt 6:25).

Preocupações inúteis

Quando perceber que está se preocupando à toa com algo ou alguma situação, não permita que isso o aprisione. Para evitar que essa preocupação cresça e paralise sua vida, deixe de alimentá-la, questione-a e enfrente-a diretamente.

Muitas crianças se tornam excessivamente preocupadas porque seus pais também são ansiosos, enfatizando a insegurança, o medo e a incerteza, sem elogiar o filho quando ele consegue superar um desafio. Esse padrão ansioso tende a se perpetuar na vida adulta. Assim, é fundamental refletir sobre como essa maneira ansiosa de ser se desenvolveu e iniciar um processo de desconstrução dessa abordagem disfuncional, substituindo-a por uma perspectiva mais leve e funcional.

É importante cultivar o hábito de analisar seus pensamentos, pois isso melhora a autoconsciência, o que, por sua vez, auxilia no combate à ansiedade excessiva. Quem deseja melhorar sua ansiedade deve avaliar seus pensamentos, identificando o que é positivo e o que é negativo. Ao refletir sobre seus próprios pensamentos, você pode perceber distorções, como a tendência de imaginar catástrofes ou achar que todos estão contra você, entre outras formas de pensamento distorcido. Ao identificar essas maneiras negativas de pensar, o caminho é lutar contra elas e substituí-las por pensamentos mais saudáveis.

Pegue leve com você

Muitas pessoas são muito severas consigo mesmas Incapazes de relaxar devido à autocrítica excessiva, muitas vezes se cobram mais do que são cobradas pelos outros ou por Deus. Nesses casos, a ansiedade pode diminuir quando começam a se tratar melhor, em vez de se atacarem ou se depreciar por qualquer imperfeição em sua vida. Se você é muito exigente consigo mesmo, pense: "Eu seria tão crítico assim com outra pessoa? Então, porque não usar de misericórdia comigo mesmo?" É interessante notar que o sábio Salomão, rei de Israel, inspirado por Deus, escreveu: "Não seja demasiadamente justo, nem exageradamente sábio; por que você destruiria a si mesmo?" (Ec 7:16).

Caso você não consiga melhorar sua ansiedade excessiva praticando sozinho essas informações e outras úteis para sua saúde mental, um psicólogo ou psiquiatra que trabalhe com psicoterapia poderá ajudá-lo a analisar seus pensamentos, identificando quais são baseados na realidade, quais são fruto de imaginações preocupantes e quais estão distorcidos. Assim, será possível educar seus pensamentos para que eles possam produzir sentimentos mais agradáveis e menos ansiosos.

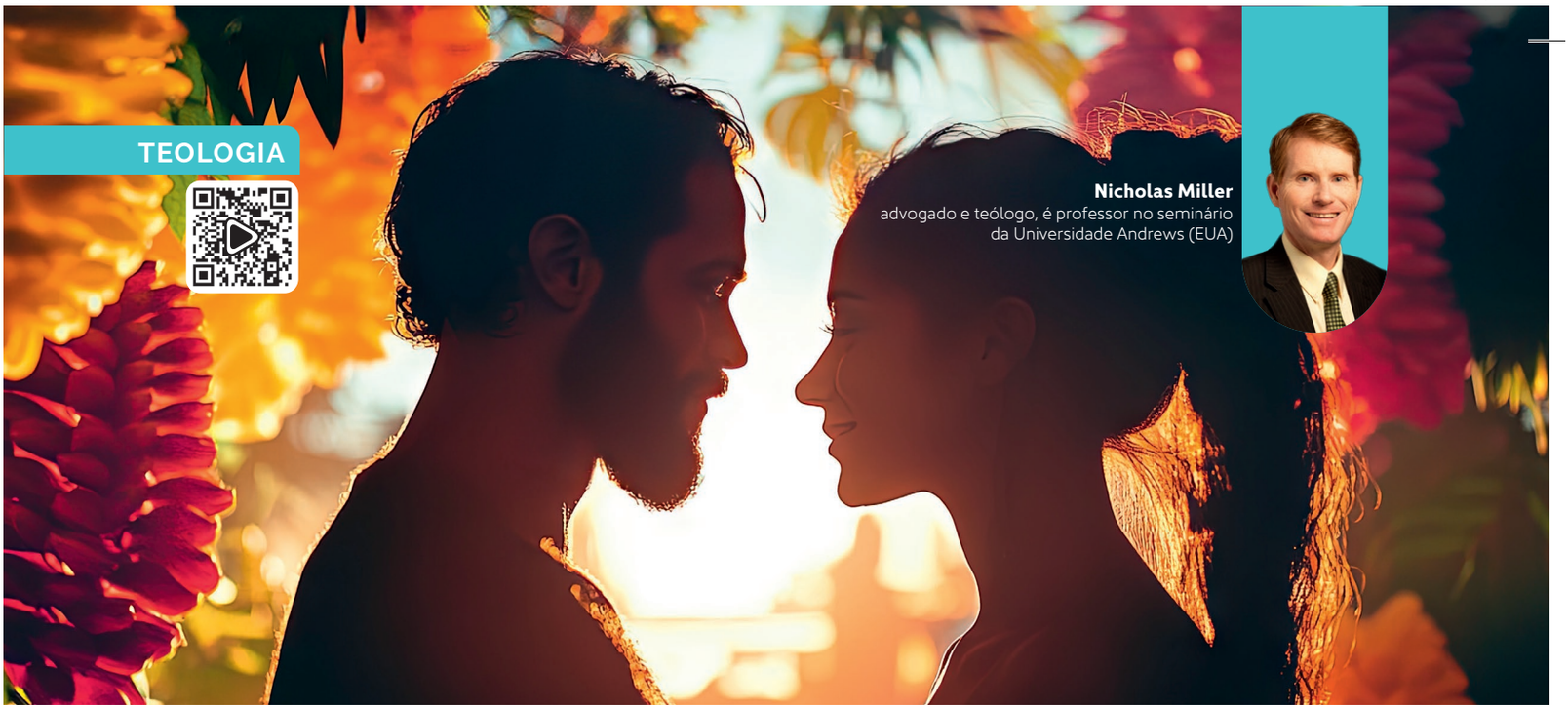
No tratamento psicoterápico, você também poderá aprender a enfrentar seus medos com exposição controlada, desabafar em um ambiente ético e seguro, o que pode ajudar a diminuir sua tensão emocional e aliviar a ansiedade. Você aprenderá a ser mais assertivo e a se proteger melhor em situações abusivas, além de filtrar as preocupações, eliminando aquelas que são inúteis. Também poderá aprender a perdoar as pessoas que contribuíram para sua ansiedade exagerada, deixando o passado para trás.

Angústia existencial

Finalmente, é importante considerar que todos os seres humanos possuem o que os filósofos chamam de "angústia existencial", decorrente da ruptura da relação íntima e presencial com o Deus Criador do Universo e da entrada do pecado em nosso planeta. Quando Adão e Eva comeram do fruto proibido, a angústia entrou neles. Essa angústia, de origem espiritual, só pode ser aliviada por meio da oração, da aproximação a Deus pela fé, da leitura da Bíblia e do auxílio espiritual ao próximo. Ela só será completamente eliminada quando Jesus voltar em breve e fizer novas todas as coisas, transformando nosso corpo e mente corrompidos em uma nova criatura, como eram Adão e Eva antes da Queda.

Apegue-se a essas verdades e promessas bíblicas, e sua ansiedade diminuirá, permitindo o surgimento de serenidade, aceitação das limitações e perdas, além de paz interior, mesmo em meio aos conflitos.

P5 49567 – Revista Ministério JAN / FEV
22/11/2024 10:24



TEOLOGIA

Nicholas Miller
advogado e teólogo, é professor no seminário da Universidade Andrews (EUA)

SEXUALIDADE E GÊNERO

Uma perspectiva bíblica

As questões relacionadas à "identidade de gênero" têm entrado em conflito com as visões religiosas conservadoras. Esse embate tornou-se uma questão relevante nas relações entre Igreja e Estado em grande parte do mundo.

Alguns sugerem que a única solução é que a religião altere sua visão sobre sexualidade e gênero, tornando-a mais alinhada com os tempos atuais. A mídia secular, por exemplo, tem falado sobre mudanças significativas de opinião e divisões no mundo evangélico a respeito do casamento entre pessoas do mesmo sexo. Embora algumas denominações tenham se tornado mais receptivas em relação às políticas públicas sobre o casamento entre pessoas do mesmo sexo, a maioria delas ainda concorda que a igreja deve ser capaz de ensinar e defender a visão bíblica quanto à sexualidade. Nesse contexto, embora o discurso sobre a importância de respeitar todas as pessoas esteja ganhando mais aceitação, as crenças subjacentes sobre o comportamento sexual permanecem inalteradas em sua essência.[1]

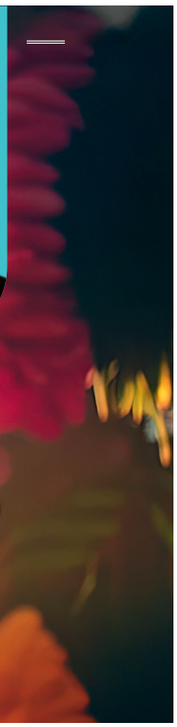
Fundamentos teológicos e históricos

Separar o sexo (a identidade sexual biológica de uma pessoa ao nascer) do gênero (a forma como alguém expressa sua identidade sexual) pode parecer um fenômeno moderno. No entanto, a ideia de uma desconexão entre o sexo biológico e a expressão de gênero tem raízes profundas no mundo antigo. A cultura greco-romana, por exemplo, já estava familiarizada com o conceito de homens que se feminizavam e se apresentavam como mulheres. Ainda antes disso, as escrituras hebraicas traziam instruções que indicavam a existência de práticas pagãs primitivas de pessoas que se identificavam com o sexo oposto. Uma análise de como o povo de Deus lidou com esse fenômeno no passado pode oferecer uma perspectiva valiosa para os cristãos refletirem sobre as manifestações atuais dessas mesmas questões.

O contexto do Antigo Testamento. As Escrituras ensinam que Deus é o autor da nossa identidade sexual. Tanto o Antigo quanto o Novo Testamento afirmam que Deus criou todos os seres humanos como "homem e mulher" (Gn 1:27; 5:2; Mt 19:4; Mc 10:6). Para a Bíblia, o princípio é que o sexo biológico serve de fundamento para a identidade de gênero de uma pessoa, refletindo-se em sua aparência, identidade e comportamento sexual.[2]

A lógica bíblica da ligação entre o sexo biológico e a identidade de gênero se revela na forma como ela entende a natureza humana. As Escrituras ensinam que o ser humano é uma unidade composta de mente, corpo e espírito

Fotos: Adobe Stock e Gentileza do autor



Fotos: Adobe Stock e Gentileza do autor

(Gn 2:7; Mc 12:30). Assim, a alma – ou seja, a pessoa como um todo – não pode ser reduzida a nenhum desses elementos de forma isolada. Com base nessa visão integral do ser humano, torna-se problemático afirmar que a identidade sexual ou de gênero pode ser dissociada do corpo, ou que o cérebro possa ser colocado em oposição ao corpo em relação à identidade sexual.

Isso não significa que os processos do pensamento subjetivo não possam sofrer confusão ou dissociação em relação à identidade sexual. Afinal, vivemos em um planeta afetado pelo pecado. Além disso, podem ocorrer casos de ambiguidade física genuína, nos quais é difícil identificar o sexo de um bebê. Essas condições, conhecidas como intersexo, representam um subconjunto muito pequeno daqueles que enfrentam confusão de gênero.

A Bíblia afirma que a criação foi corrompida pelo pecado (Rm 3:9; 7:17; 8:20-23; Jr 17:9; Gl 5:17). Como consequência, mente e psique precisam ser renovadas e recriadas por Deus (Rm 12:2; 2Co 5:17). Portanto, as emoções, os sentimentos e as percepções do ser humano não são indicadores totalmente confiáveis dos desígnios, ideais e da vontade divina (Pv 14:12; 16:25). Devemos buscar a orientação de Deus por meio do Espírito Santo e das Escrituras para podermos discernir qual é o plano divino para nossa vida (Sl 25:4, 8-10; 32:8).

As Escrituras estabelecem uma conexão entre sexo biológico e identidade de gênero por meio de várias instruções que nos são dadas. Uma delas é a proibição de que uma pessoa do sexo masculino use roupas do sexo oposto. "A mulher não deve usar roupa de homem, e o homem não deve vestir roupa de mulher, pois quem faz isso é abominável ao Senhor, seu Deus" (Dt 22:5). Outra instrução proíbe relações sexuais entre pessoas do mesmo sexo: "Não se deite com outro homem para ter relações com ele como se fosse mulher; é abominação" (Lv 18:22).

É importante notar que essa instrução contra as relações entre pessoas do mesmo sexo pressupõe a existência de uma qualidade essencial e estática na identidade sexual; caso contrário, seria possível subverter a regulamentação simplesmente reivindicando a identidade do sexo oposto. A importância de preservar a identidade sexual biológica também é evidenciada na proibição da destruição ou remoção da genitália masculina (Dt 23:1).

> ***A Bíblia valoriza as características de ambos os sexos e ensina que os gêneros não devem ser indefinidos ou misturados.***

Alguns argumentam que esses textos tinham aplicação especial apenas no contexto do antigo sistema de sacrifícios e rituais de purificação israelitas. Contudo, em vez de serem simplesmente textos isolados com uma aplicação única no contexto judaico, essas instruções são internamente consistentes e ressaltam o compromisso bíblico subjacente à sagrada dualidade dos sexos. Em relação a roupas, por exemplo, Richard Davidson afirma que "travestir-se é moral e culturalmente repugnante para Deus, não apenas por causa da associação com a homossexualidade e os rituais de culto à fertilidade, mas também – e principalmente – porque mistura e confunde as distinções básicas da dualidade de gênero (masculino e feminino) estabelecidas na criação". Davidson conclui que "a intenção era que essa legislação fosse permanente (transtemporal) e universal (transcultural) em sua aplicação".[3]

A conclusão de Davidson sobre a aplicação universal desses ensinamentos é apoiada pelo fato de que eles são repetidos no Novo Testamento (Rm 1:26-29; 1Co 6:9). O conceito-chave das instruções do Antigo Testamento é que elas refletem uma teologia bíblica mais ampla sobre o papel da distinção de gênero desde o momento da criação (Gn 1:27; 2:21-25).

A instrução do Novo Testamento. O testemunho bíblico sobre a criação do ser humano, com ambos os sexos feitos à imagem de Deus, historicamente contrastou com as opiniões das culturas circundantes. O mundo greco-romano, por exemplo, em grande parte adotou um dualismo espiritual/material, articulado por Platão e promovido por vários grupos gnósticos. Esse dualismo tendia a ver a sexualidade como parte do mundo material e, portanto, inferior ou até mesmo mau; relacionava o sexo masculino ao reino da razão e o feminino ao mundo da paixão e da emoção.[4] Aristóteles também ensinou um dualismo entre corpo e mente. Ele acreditava que as mulheres eram essencialmente homens mutilados, o que era evidenciado por sua suposta razão mais fraca e paixões mais fortes. Mulheres, eunucos e hermafroditas eram considerados "homens inferiores", já que seus corpos eram vistos como evidência de "almas inferiores".[5]

Cristo contradisse tanto o dualismo material/espiritual grego quanto a ideia de superioridade/inferioridade de gênero ao

P5 49567 – Revista Ministério JAN / FEV
22/11/2024 10:24

afirmar que, "desde o princípio", Deus fez o homem e a mulher como parte de uma criação "boa" (Mc 10:6; Mt 19:4). Além disso, Cristo ressaltou a dignidade de toda a humanidade, independentemente da função sexual. Em Mateus 19:12, por exemplo, Ele menciona os eunucos como parte da comunidade de fé.

Alguns sugeriram que a afirmação de Cristo sobre os eunucos abrangia um terceiro gênero ou outra categoria além de masculino ou feminino.[6] No entanto, essa ideia distorce o significado dado por Cristo. O contexto dessa passagem é o casamento e a importância da fidelidade dentro dele. Quando os discípulos expressaram surpresa diante desse alto padrão, Cristo indicou que o casamento não é para todos. Ele então mencionou três categorias de indivíduos, incluindo aqueles que nasceram sem função sexual (Mt 19:12).

O gênero, no entanto, é muito mais do que apenas função sexual. Não há indicação na Bíblia de que os eunucos fossem considerados sem gênero. Pelo contrário, na história de Filipe e do etíope, o eunuco é explicitamente chamado de "homem" (*aner*) e referido por pronomes masculinos. "Então mandou parar a carruagem, ambos desceram à água, e Filipe batizou *o* eunuco" (At 8:38, itálico acrescentado; veja também o v. 27).

Aceitar o eunuco na comunidade de fé não contradiz o ensinamento de que os homens não deveriam adotar personalidades ou identidades femininas. Em 1 Coríntios 6:9, Paulo condena o comportamento de homens brandos ou efeminados (*malakoi*). As evidências da história clássica contradizem a ideia de que a disforia de gênero só agora é compreendida. Os gregos já estavam cientes da existência de homens que se feminizavam de forma persistente. De fato, a palavra que usaram para descrever essa condição – *malakoi* – é a mesma empregada por Paulo.[7]

> ***"O conceito-chave das instruções do Antigo Testamento é que elas refletem uma teologia bíblica mais ampla sobre o papel da distinção de gênero desde o momento da criação."***

Alguns apontam para a declaração de Paulo de que "em Cristo Jesus" "não há homem nem mulher" como uma indicação do fim das distinções de gênero (Gl 3:28). No entanto, o contexto mostra que essa passagem se refere a uma declaração de igualdade relacionada à salvação, e não à eliminação de papéis específicos de gênero no lar, na igreja ou na sociedade. Paulo foi igualmente enfático em outros textos, afirmando que tais papéis continuavam a existir e deveriam ser respeitados pelos cristãos (por exemplo, 1Tm 2:11-14; 1Co 14:34-36; 11:7-14).

Conclusão

A Bíblia é um livro antigo e, por isso, pode ser surpreendente para alguns que os princípios que ela apresenta sobre as diferenças entre homens e mulheres, bem como a necessidade de salvaguardar a modéstia e a segurança de ambos os sexos, abordem diretamente muitos dos problemas contemporâneos. No entanto, se alguém acredita, como os adventistas do sétimo dia, que as Escrituras são inspiradas por Deus e apresentam aspectos fundamentais sobre a natureza humana, além da origem e importância da diferença de gênero, tal resultado não é inesperado.

Desde os seus primeiros capítulos, passando pelas experiências do povo de Israel até aos ensinamentos de Cristo e dos apóstolos no Novo Testamento, vemos que a Bíblia valoriza as características de ambos os sexos e ensina que os gêneros não devem ser indefinidos ou misturados.

Imagem generativa: Fábio Fernandes

Referências

1 Em 2019, por exemplo, a Igreja Metodista Unida votou reafirmar sua proibição do casamento entre pessoas do mesmo sexo e da ordenação de indivíduos LGBTQIA+ dentro da igreja (link.cpb.com.br/c34733).
2 A discussão sobre os antecedentes bíblicos foi baseada nas declarações do Comitê de Ética do Instituto de Pesquisa Bíblica (BRI, na sigla em inglês) sobre Transgenerismo, divulgadas em outubro de 2014 (link.cpb.com.br/aff4be). Veja também: *Transsexuality: A Report of the Evangelical Alliance Policy Commission* (Carlisle, Reino Unido: Paternoster Publishing, 2000), p. 45-54.
3 Richard M. Davidson, *Flame of Yahweh: Sexuality in the Old Testament* (Ada, MI: Baker Academic, 2012), p. 172.
4 Megan K. DeFranza, *Sex Differences in Christian Theology: Male, Female, and Intersex in the Image of God* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 2015), p. 108-125.
5 DeFranza, Sex Differences in Christian Theology: Male, Female, and Intersex in the Image of God, p. 117.
6 DeFranza, Sex Differences in Christian Theology: Male, Female, and Intersex in the Image of God, p. 102-106.
7 Robert A. J. Gagnon, "The Scriptural Case for a Male-Female Prerequisite for Sexual Relations: A Critique of the Arguments of Two Adventist Scholars", em *Homosexuality, Marriage, and the Church*, Roy E. Gane, Nicholas P. Miller e H. Peter Swanson, eds. (Berrien Springs, MI: Andrews University Press, 2012), p. 82-85.

TESTEMUNHO

Sael Dias Ferreira
pastor em Rio Verde, GO

MINISTÉRIO DE **CONSOLO**

O testemunho de uma família pastoral que enfrentou uma terrível perda

Como pastor, sempre acreditei estar preparado para enfrentar as provações da vida. Afinal, meu papel é confortar os aflitos, fortalecer os fracos e guiar os perdidos. Anos de estudos teológicos e incontáveis horas de aconselhamento e pregação me deram a confiança de que estava pronto para enfrentar qualquer desafio. No entanto, nada poderia me preparar para o dia em que a dor bateu à minha própria porta, desafiando não apenas minha fé, mas também minha identidade como filho de Deus.

A verdade é que, muitas vezes, nós, líderes espirituais, nos colocamos em um pedestal de invulnerabilidade, acreditando que nossa fé nos protegerá de todas as tempestades da vida. Contudo, Deus, em Sua infinita sabedoria, por vezes permite que sejamos levados ao limite de nossas forças, para que possamos experimentar Sua graça de maneira mais profunda e real.

O dia que mudou tudo

Era um sábado de Aventuri, um evento que sempre encheu meu coração de alegria e esperança para o futuro da igreja. Eu estava imerso no trabalho, cercado por quase 3 mil crianças acampadas, radiantes de entusiasmo e expectativa. Recém-ordenado, tive o privilégio de batizar juvenis naquela programação especial. O ar estava repleto de risos

Imagem generativa: Fábio Fernandes

P5 49567 – Revista Ministério JAN / FEV
22/11/2024 10:24

e canções de louvor, criando uma atmosfera quase celestial. Mal sabia eu que, em questão de horas, meu mundo desabaria, transformando aquele sábado em um marco doloroso em minha vida.

A notícia chegou como um raio em céu azul: nossa filha, Niara, uma criança cheia de vida e amor, havia sido encontrada na piscina do nosso condomínio. Minha esposa ficou desesperada. Fez os primeiros socorros e me ligou. Sua voz era aterrorizante. Naquele momento, o tempo pareceu congelar. O contraste entre a alegria do acampamento e o terror que me dominou era surreal. O que se seguiu foram horas de agonia, orações desesperadas e uma luta intensa pela vida de nossa menina.

Enquanto corríamos para o hospital, minha mente oscilava entre uma esperança fervorosa e um medo paralisante. Como pastor, eu havia estado ao lado de tantas famílias em momentos de crise, mas agora eu era o pai desesperado, implorando a Deus por um milagre.

No hospital, enquanto os médicos lutavam para salvar Niara, fiz a oração mais difícil da minha vida. As palavras mal saíam, sufocadas pela angústia: "Senhor, cure completamente minha filha ou lhe dê o descanso." Foi um momento de rendição total, em que reconheci que, apesar de toda a minha fé e conhecimento, eu estava completamente impotente diante da iminência da morte.

Essa oração marcou um ponto de virada em minha jornada espiritual. Pela primeira vez, compreendi verdadeiramente o que significa entregar tudo a Deus. Não era mais uma teoria ou um sermão, mas uma realidade crua e dolorosa. Percebi que a verdadeira fé não está em ter todas as respostas, mas em confiar mesmo quando não entendemos.

Às 10h10 do dia 10 de setembro de 2023, Niara descansou. O culto fúnebre que se seguiu foi um testemunho do impacto que uma vida tão curta pode ter. Mais de mil pessoas compareceram, e outras 23 mil acompanharam a cerimônia pela internet, unidas em luto e esperança. Em meio à dor, tive um vislumbre da eternidade, do amor que transcende a morte.

Muitas pessoas já me disseram: "Eu não conseguiria! Você e sua esposa são muito fortes." Quando alguém diz isso, enxerga apenas a dor. Eu vi tanto a dor quanto o conforto, a angústia e a esperança. Como disse C.S Lewis, "o sofrimento é o megafone de Deus" (*O Problema do Sofrimento* [Vida, 2008], p. 97).

Lutando com Deus

Nos dias e semanas que se seguiram, enfrentei uma luta espiritual intensa. Como Jó, eu questionava: "Por que o Senhor permitiu isso?" Essa pergunta latejava em minha mente, desafiando tudo o que eu achava que sabia sobre Deus e Seu amor. No entanto, ao contrário do personagem bíblico, eu tinha a revelação completa e o conhecimento do fim da história para me confortar: a promessa da ressurreição e a certeza de que um dia verei Niara novamente.

Essa perspectiva me trouxe um novo entendimento sobre o sofrimento. Percebi que nossas lutas fazem parte de uma narrativa maior. Em meio a um conflito de dimensões cósmicas, a obra redentora de Deus está sendo realizada em nossa vida.

Foi no fundo do poço que redescobri o verdadeiro significado da fé. Não era uma fé baseada em respostas fáceis ou em uma vida sem problemas, mas uma fé forjada no fogo da aflição, uma confiança inabalável, mesmo quando não entendemos os caminhos de Deus.

> "A fé autêntica não é a ausência de dúvidas, mas a decisão de confiar apesar delas."

Aprendi que a fé autêntica não é a ausência de dúvidas, mas a decisão de confiar apesar delas. É nos momentos mais sombrios que a luz brilha com mais intensidade. Como o salmista escreveu: "Ainda que eu ande pelo vale da sombra da morte, não temerei mal algum, porque Tu estás comigo" (Sl 23:4).

Testemunho no luto

Como pastor, descobri que meu luto se transformou em um poderoso testemunho. Pessoas que antes viam em mim apenas um líder espiritual agora enxergavam um homem quebrantado, mas não destruído. Minha dor abriu portas para trazer esperança aos que sofrem.

Paradoxalmente, minha capacidade de ensinar foi ampliada. Ao visitar alguém que havia perdido um ente querido, além de oferecer palavras de conforto, passei a demonstrar uma empatia nascida da experiência compartilhada. Não só o luto, mas todo tipo de dor nos torna mais empáticos. Quem passa por uma dor profunda se torna mais sensível ao sofrimento dos outros.

Imagem generativa: Fábio Fernandes

Essa nova dimensão do meu ministério me ensinou que nossas feridas, quando entregues a Deus, podem se tornar fontes de cura para os outros. Como o apóstolo Paulo, que também sofreu muito, escreveu: "Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, o Pai das misericórdias e Deus de toda consolação! É Ele que nos consola em toda a nossa tribulação, para que, pela consolação que nós mesmos recebemos de Deus, possamos consolar os que estiverem em qualquer espécie de tribulação" (2Co 1:3, 4).

> **"Não só o luto, mas todo tipo de dor nos torna mais empáticos."**

Minha compreensão de Deus e do sofrimento foi completamente transformada. Não era mais uma teoria abstrata, mas uma realidade vivida. Aprendi que Deus não nos promete uma vida sem dor, mas promete estar conosco em meio à tempestade.

Percebi que o sofrimento não é um sinal da ausência de Deus, mas muitas vezes o meio pelo qual Ele Se revela mais profundamente a nós. É no vale da sombra da morte que experimentamos a profundidade do amor e da graça divina de maneiras que não seriam possíveis em tempos de prosperidade.

Essa nova perspectiva me levou a uma apreciação mais profunda da cruz. O sofrimento de Cristo não foi apenas um meio para a nossa salvação, mas também um exemplo de como Deus está presente e ativo em meio à dor mais intensa.

O legado de Niara

Niara nos ensinou mais em seus curtos anos de vida do que muitos aprendem em décadas. Ela nos mostrou o amor incondicional, a alegria pura e a importância de viver cada momento plenamente. Sua vida foi um poderoso testemunho do amor de Deus e da preciosidade de cada dia que nos é dado. Aprendi a valorizar o presente, a abraçar cada instante com gratidão e a ver a beleza nas pequenas coisas. Sua memória continua a inspirar não apenas a mim e a minha família, mas também a todos que foram tocados por sua história.

Hoje, com a ajuda do Alto, minha esposa e eu continuamos nossa jornada de levar esperança. Temos a certeza de que, um dia, as lágrimas serão enxugadas, a dor será esquecida e estaremos reunidos novamente. A dor e o sofrimento são partes inevitáveis da experiência humana e, como cristãos, não estamos imunes a eles.

No entanto, é por meio das tribulações que nossa fé é refinada, nosso caráter é moldado e nossa dependência de Deus é aprofundada.

Essa jornada me ensinou que a fé não é uma fórmula para uma vida sem problemas, mas uma âncora que nos sustenta em meio às tempestades. É a confiança de que, mesmo quando não entendemos os "porquês", podemos descansar na bondade e no amor de Deus.

Em meio às nossas lutas, precisamos nos lembrar mais uma vez das palavras do apóstolo Paulo: "Porque agora vemos como num espelho, de forma obscura; depois veremos face a face. Agora meu conhecimento é incompleto; depois conhecerei como também sou conhecido" (1Co 13:12).

Isso revela que nossa compreensão atual é limitada. Há mistérios que só serão plenamente revelados na eternidade. Até lá, somos chamados a confiar, amar e servir, mesmo em meio à dor e à incerteza. Precisamos focar em Jesus e lembrar que, neste mundo, os ossos ainda se quebrarão e corações ainda se partirão. Contudo, no fim, as trevas não derrotarão a luz. Consolemonos com essas palavras.

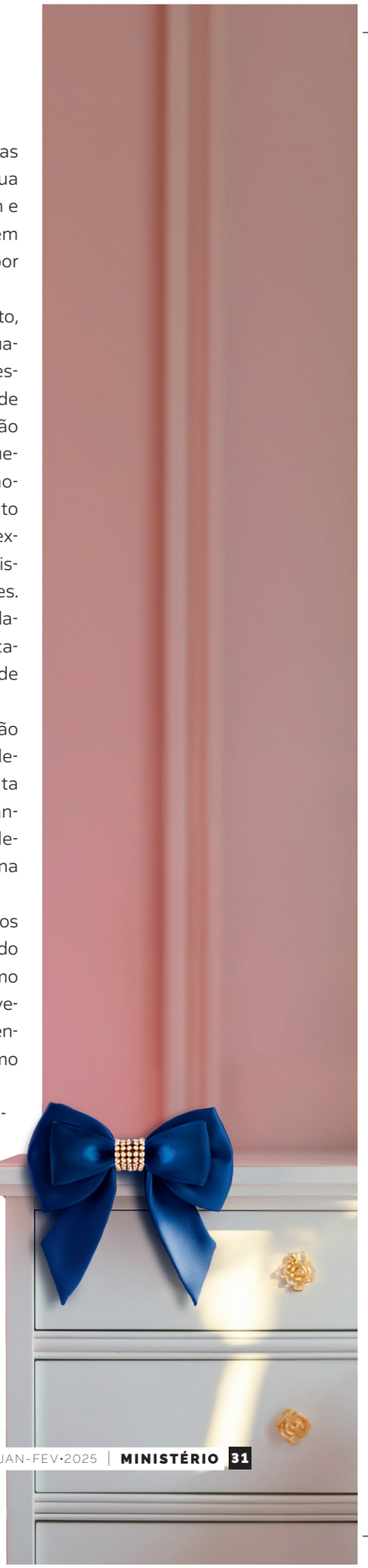


Foto: Ilustrativa

Imagem generativa: Fábio Fernandes

P5 49567 – Revista Ministério JAN / FEV
22/11/2024 10:24

Guilherme Lanza
advogado-assistente
da DSA

ACOLHENDO PESSOAS COM **DEFICIÊNCIA**

Pesquisas recentes na América do Sul mostram dados significativos sobre pessoas com deficiência. No Chile, cerca de 17,6% da população declarou ter alguma deficiência (link.cpb.com.br/abebe7), enquanto no Brasil, em 2022, esse número foi de 8,9% (link.cpb.com.br/ab896e).

Diante disso, os países sul-americanos têm adotado medidas legais para promover a inclusão social das pessoas com deficiência. Os oitos países atendidos pela Divisão Sul-Americana ratificaram a "Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência (CDPD)" da Organização das Nações Unidas (ONU), que, no Brasil, tem status de Emenda Constitucional, conforme o §3º do art. 5º da Constituição Federal.

Embora haja variações na recepção dos tratados nos ordenamentos jurídicos desses países, a ratificação da convenção revela o compromisso com seus princípios e diretrizes. O artigo 4 da convenção reafirma o dever dos Estados de garantir o pleno exercício dos direitos humanos e das liberdades fundamentais, incluindo a liberdade de consciência e religião, reconhecida pela ONU como um direito humano (art. 18 da Declaração Universal dos Direitos Humanos).

A CDPD também impõe aos Estados signatários importantes obrigações, como: conscientização sobre a condição das pessoas com deficiência (art. 8); acessibilidade (art. 9); proteção integral (art. 17); vida independente e inclusão na comunidade (art. 19); e liberdade de expressão e opinião (art. 21).

É importante reconhecer que, do direito à liberdade religiosa – um direito amplamente defendido pela Igreja Adventista do Sétimo Dia – decorre o dever de garantir às pessoas com deficiência o pleno acesso à religião e ao exercício de culto. Verifica-se, portanto, a necessidade de:

1. Implementação de estratégias para reduzir barreiras que atrapalhem ou impossibilitem a adoração plena em nossas igrejas.
2. Adequação física dos templos para garantir acessibilidade a pessoas com dificuldades de mobilidade.
3. Uso de voluntários que saibam libras para facilitar a comunicação com pessoas com deficiência auditiva durante os cultos.
4. Embora haja divergências sobre a definição de deficiência para pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA) nas legislações dos países atendidos pela DSA, em alguns casos, adaptações podem ser necessárias para acolher essas pessoas de forma mais adequada. Alterações sensoriais podem tornar o ambiente da igreja desconfortável para elas, exigindo intervenções, como fones antirruído, salas de regulação emocional, entre outras medidas.

Em 2023, a igreja, por meio do Ministério Adventista das Possibilidades, publicou pela Casa Publicadora Brasileira o livro *Vinde a Mim: Orientações Para a Inclusão de Crianças e Adolescentes na Igreja*, que oferece importantes diretrizes para acolher pessoas com deficiência. Como defensores da liberdade religiosa, devemos nos empenhar em cumprir os princípios de inclusão social da CDPD e das legislações locais, garantindo o pleno exercício da liberdade de consciência e culto para todos.

Foto: Gentileza do autor

MKT CPB | Adobe Stock | Foto: William de Moraes

* CHEGARAM OS *

BRINQUEDOS BÍBLICOS

COM OS NOVOS LIVROS PARA COLORIR

MKT CPB | Adobe Stock | Foto: William de Moraes

PARA APRENDER AS HISTÓRIAS DA BÍBLIA BRINCANDO!

SANSÃO

ESTER E ASSUERO

DAVI E GOLIAS

JONAS E O GRANDE PEIXE

DISPONÍVEIS EM NOSSOS CANAIS DE VENDAS >

E-commerce
CPB.COM.BR

Call Center
0800-9790606
15 98100-5013

CPB Livraria
acesse e confira a livraria mais próxima

Baixe o aplicativo

CPB KIDS

Foto: Gentileza do autor

DICAS DE LEITURA

Introdução à Missão Adventista: Teologia, História e Estratégias

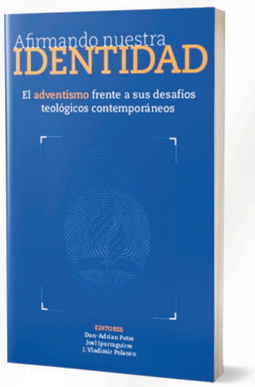
Gordon R. Doss
CPB, 2024, 400 p.

É uma obra abrangente que apresenta a história e a teologia da missão com base bíblica e de forma didática, além de oferecer estratégias para obedecer à ordem de testemunhar aos que ainda não entenderam as boas-novas da salvação. Seu diferencial consiste em dar um enfoque adventista aos estudos missiológicos, delineando o papel da igreja no cenário global, com seus muitos desafios e oportunidades. Planejado para ser um livro-texto e preencher uma lacuna na reflexão acadêmica denominacional, esta obra é uma excelente introdução, não apenas para professores e estudantes de Teologia, mas para todo aquele que deseja aprofundar seu conhecimento em missiologia e se preparar para anunciar o evangelho.

La Belleza y el Poder de la Exposición Bíblica: Cómo Predicar los Distintos Géneros Literarios de las Escrituras

Douglas Sean O'Donnell e Leland Ryken
Portavoz, 2024, 356 p.

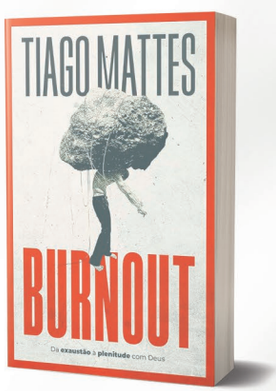
Para compreender, apreciar e pregar fielmente a Bíblia, os pastores devem discernir a natureza literária específica de cada livro das Escrituras. Em vez de simplesmente reconhecer os diversos gêneros bíblicos, os pastores e mestres da Bíblia devem permitir que esses gêneros influenciem a maneira pela qual abordam e comunicam a Palavra de Deus.



Afirmando Nuestra Identidad: El Adventismo Frente a Sus Desafíos Teológicos Contemporáneos

Dan-Adrián Petre, Joel Iparraguirre e J. Vladimir Polanco (eds.)
Safeliz, 2024, 334 p.

O objetivo deste livro não é apenas apresentar ao leitor os desafios que o movimento adventista enfrenta, mas também destacar a importância da vigilância teológica e da fidelidade à mensagem das Escrituras. Portanto, esta obra convida o leitor a participar de um diálogo reflexivo e perspicaz sobre nossa herança teológica e, ao analisar seu fundamento bíblico, enfrentar com coragem os desafios que ameaçam minar nossa identidade bíblica e cristocêntrica. Além disso, nos encoraja não apenas a defender um conjunto de doutrinas, mas também a viver o poder transformador dessas doutrinas em nossas experiências pessoais e em nossas comunidades.



Burnout: Da Exaustão à Plenitude com Deus

Tiago Mattes
Thomas Nelson, 2024, 208 p.

Escrito por um pastor, o livro explora os aspectos espirituais e emocionais do esgotamento. A obra é, ao mesmo tempo, um convite e um alerta. Por um lado, o autor nos convida a examinar com honestidade as emoções e comportamentos que têm drenado nossas forças. Por outro, ele destaca as pressões externas típicas de nossa sociedade frenética e hiperconectada. Este não é um livro de autoajuda, mas sim um guia para buscar a ajuda divina e viver de maneira mais plena.

Mockups: Fernando De Lima

Foto: Gentileza do autor

Eric Richter
editor da revista
Ministério, edição
em espanhol

MISSIO ***ECCLESIAE***

A missão da igreja é um tema fundamental, abrangente e essencial na Bíblia, presente desde o início das Escrituras e originada pelo próprio Deus. No Jardim do Éden, após Adão e Eva comerem do fruto proibido, foi Deus quem saiu em busca do casal (Gn 3:9). Em seguida, anunciou a esperança da salvação, falando sobre o Descendente que viria e esmagaria a cabeça da serpente (v. 15).

Ao longo da história do povo de Deus, vemos o próprio Criador tomando a iniciativa de Se aproximar da humanidade para oferecer a salvação. Essa atitude missionária encontra sua máxima expressão em Jesus, que "Se esvaziou, assumindo a forma de servo, tornando-Se semelhante aos seres humanos. E, reconhecido em figura humana, Ele Se humilhou, tornando-Se obediente até a morte, e morte de cruz" (Fp 2:7, 8). A Segunda Pessoa da Trindade veio a este planeta, tornou-Se um de nós, pregou as boas-novas do Reino e, finalmente, entregou Sua vida em sacrifício pelo pecado. Essa atitude missionária de ir, contextualizar-se e pregar o evangelho deve ser imitada pelos seguidores de Cristo (Mt 28:18-20).

Em resumo, a missão da igreja nasce da imitação da atitude de missionária que Deus teve primeiro. Essa ação divina é frequentemente chamada pelo termo técnico *missio Dei*, que significa "missão de Deus" em latim. Por sua vez, a "missão da igreja" é chamada de *missio ecclesiae*.

Nesse ponto, alguns missiólogos destacam que a igreja cristã surge a partir de uma missão. Ou seja, sua razão de ser e seu propósito convergem em um único ponto: a missão que Deus lhe confiou. Por essa razão, alguns teólogos sugerem que não devemos pensar que a igreja possui uma missão, mas que a missão possui uma igreja.

Para que a igreja cumpra sua missão, foi equipada com diferentes dons concedidos pelo Espírito Santo, que distribui "a cada um, individualmente, conforme Ele quer" (1Co 12:11). Nem todos os cristãos têm a oportunidade de viajar ao exterior para evangelizar; nem todos podem pregar as boas-novas para grandes multidões, e nem todos possuem a capacidade de ensinar todos os aspectos da doutrina. No entanto, o Espírito Santo assegura que cada pessoa receba pelo menos um dom, ainda que as manifestações desses dons sejam diferentes entre si, sempre "visando [a] um fim proveitoso" (v. 7).

O importante aqui é lembrar que existe uma missão que é a essência e o propósito da igreja. Cada um de nós tem a responsabilidade diante de Deus de usar os dons que Ele nos deu para cumprir essa missão. Assim como os talentos que cada um recebe são diferentes, também variam o campo de ação e o ministério para os quais fomos chamados. O essencial é cumprir a Grande Comissão deixada por Cristo.

> ***"A missão da igreja é, simplesmente, imitar a atitude de Deus, o primeiro missionário."***

O que mais se pode dizer sobre a missão? Talvez não seja necessário entrar em conceitos teológicos complexos ou em análises bíblicas exaustivas. A missão da igreja é, simplesmente, imitar a atitude de Deus, o primeiro missionário; é usar os dons que Ele nos dá para levar a mensagem da salvação aos nossos semelhantes. Ellen White escreveu: "A missão da igreja de Cristo é salvar os pecadores que estão a perecer. É divulgar o amor de Deus aos homens, e conquistando-os para Cristo pela eficácia desse amor. A verdade para este tempo deve ser levada aos tenebrosos recantos da Terra, e esta obra pode começar em casa" (*E Recebereis Poder* [CPB, 1999], 24 de agosto).

Eu o convido a transformar a *missio ecclesiae* em uma realidade em sua vida e em seu contexto.

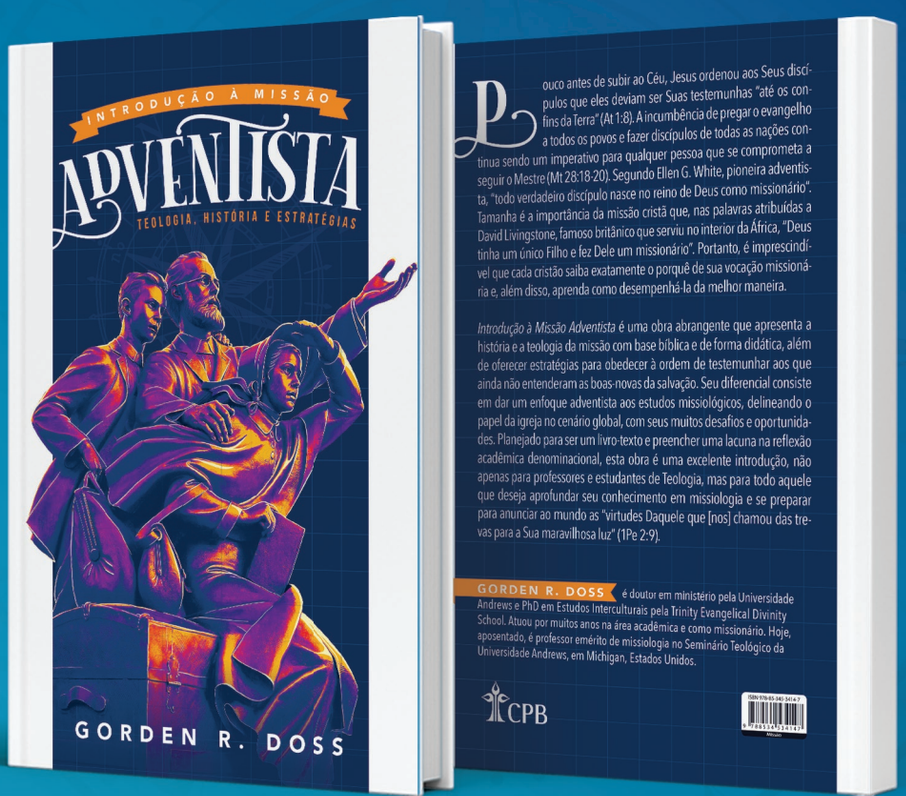
Foto: Gentileza do autor

Mockups: Fernando De Lima

P5 49567 – Revista Ministério JAN / FEV
22/11/2024 10:24

A MISSÃO DIVINA

DO GÊNESIS AO APOCALIPSE



Pouco antes de subir ao Céu, Jesus ordenou aos Seus discípulos que eles deviam ser Suas testemunhas "até os confins da Terra" (At 1:8). A incumbência de pregar o evangelho a todos os povos e fazer discípulos de todas as nações continua sendo um imperativo para qualquer pessoa que se comprometa a seguir o Mestre (Mt 28:18-20). Segundo Ellen G. White, pioneira adventista, "todo verdadeiro discípulo nasce no reino de Deus como missionário". Tamanha é a importância da missão cristã que, nas palavras atribuídas a David Livingstone, famoso britânico que serviu no interior da África, "Deus tinha um único Filho e fez Dele um missionário". Portanto, é imprescindível que cada cristão saiba exatamente o porquê de sua vocação missionária e, além disso, aprenda como desempenhá-la da melhor maneira.

Introdução à Missão Adventista é uma obra abrangente que apresenta a história e a teologia da missão com base bíblica e de forma didática, além de oferecer estratégias para obedecer à ordem de testemunhar aos que ainda não entenderam as boas-novas da salvação. Seu diferencial consiste em dar um enfoque adventista aos estudos missiológicos, delineando o papel da igreja no cenário global, com seus muitos desafios e oportunidades. Planejado para ser um livro-texto e preencher uma lacuna na reflexão acadêmica denominacional, esta obra é uma excelente introdução, não apenas para professores e estudantes de Teologia, mas para todo aquele que deseja aprofundar seu conhecimento em missiologia e se preparar para anunciar ao mundo as "virtudes Daquele que [nos] chamou das trevas para a Sua maravilhosa luz" (1Pe 2:9).

GORDEN R. DOSS é doutor em ministério pela Universidade Andrews e PhD em Estudos Interculturais pela Trinity Evangelical Divinity School. Atuou por muitos anos na área acadêmica e como missionário. Hoje, aposentado, é professor emérito de missiologia no Seminário Teológico da Universidade Andrews, em Michigan, Estados Unidos.

CPB

O papel da igreja na propagação das boas-novas e o desafio da missão adventista no mundo moderno.

MKT CPB | Adobe Stock

cpb.com.br • 0800-9790606
CPB livraria • (15) 98100-5073
Pessoa jurídica/distribuidor (15) 3205-8910
atendimentolivrarias@cpb.com.br

CPB
pra toda a vida

Baixe o **Aplicativo CPB**

/cpbeditora